BiZZ

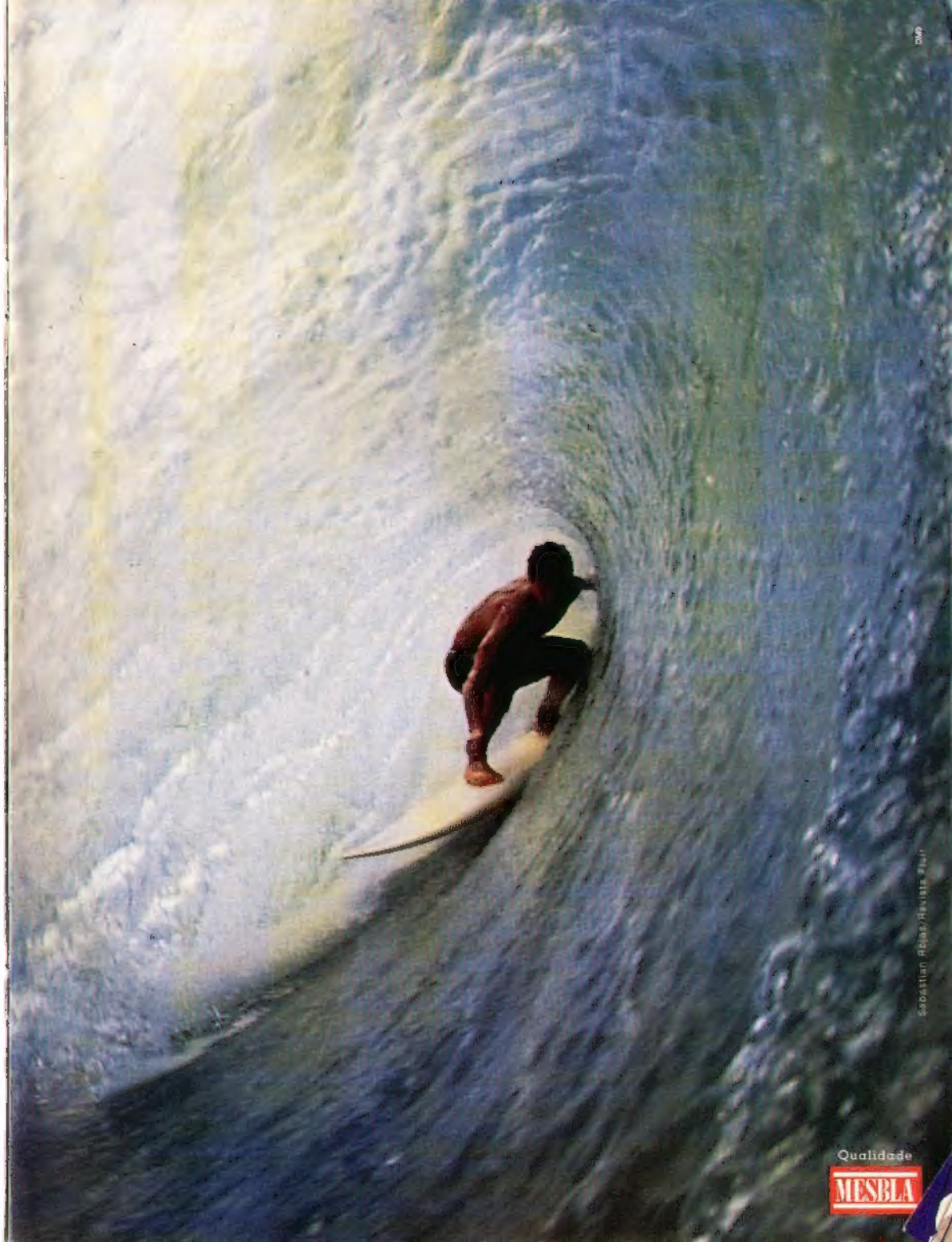
ENTREVISTA:
TIM MAIA
DE CARA LIMPA

INVADIMOS
A CASA DE
BON JOVI

Nos Bastidores Com
Marisa Monte

Nossas roupas resistem a qualquer máquina de lavar.

ALTERNATIVA



Qualidade MESBLA

BiZZ

Foto de capa: Jorge Rosenberg

Ano 11 • Nº06 • Edição 119 • Junho, 1995

"Penso no meu trabalho a longo prazo. Um público fiel é uma coisa que só se consegue em dez anos, não em um ano. Eu canto de verdade, tenho muito respeito pelo público e quero ser respeitada". Com tal declaração, **MARISA MONTE** encerrava sua entrevista, publicada em nossa edição de junho de 89, após obter o terceiro lugar como revelação do ano anterior na votação dos leitores de **BIZZ** e ter vendido 150 mil cópias de seu disco de estréia.

A previsão da cantora talvez tenha sido muito pessimista, pois seis anos depois, ela já arrebanhou um público fiel e é uma das estrelas de maior respeito da nova MPB. Prova disso é o êxito de sua atual turnê, que cruza o Brasil com shows lotados.

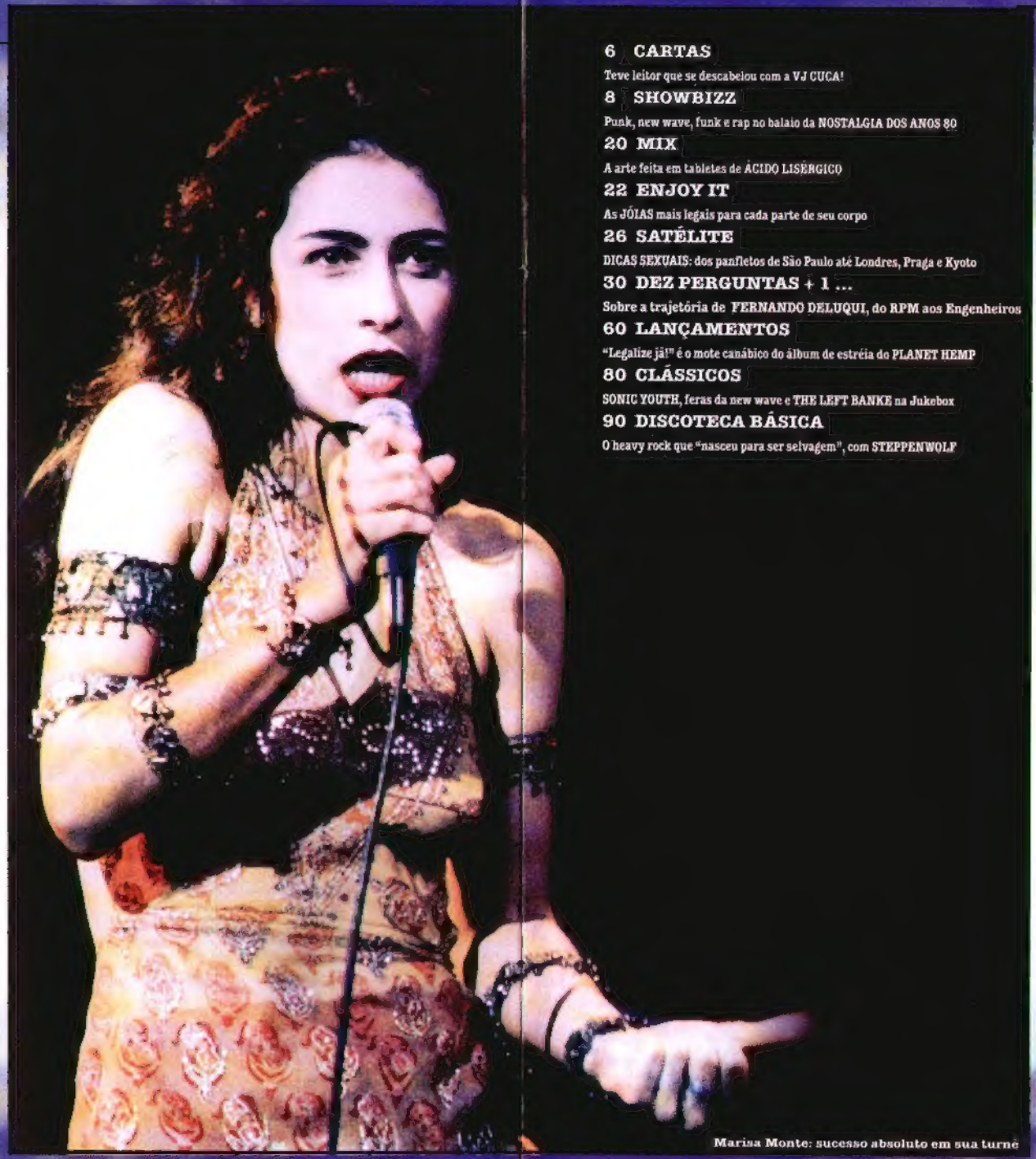
Para atestar esse fenômeno, Sérgio Martins falou com Marisa, enquanto Jorge Rosenberg clicou a cantora no palco e na intimidade do camarim.

Outra invasão de privacidade: nosso colaborador em Nova Jersey, Hideyoshi Pereira, fez parte de um seleto grupo que bateu um papo com **JON BON JOVI**, na própria casa do astro. Confira neste número.

Enquanto isso, Pedro Só encarava um **TIM MAIA** em nova fase: mais magro, avô, "careta" e retornando à ativa, depois de sacudir a poeira e dar a volta por cima.

Outras atrações: Celso Fioravante disseca o estouro do **RAP FRANCÊS** e Hélio Gomes passa a limpo a tal onda do **SOM ACÚSTICO**, que veio "desplugar" medalhões e nomes emergentes da cena do pop/rock.

É só você mandar ver. Celso Pucci



Marisa Monte: sucesso absoluto em sua turnê

6 CARTAS
Teve leitor que se descabelou com a VJ CUCA!

8 SHOWBIZZ
Punk, new wave, funk e rap no balaio da NOSTALGIA DOS ANOS 80

20 MIX
A arte feita em tabletes de ÁCIDO LISÉRGICO

22 ENJOY IT
As JÓIAS mais legais para cada parte de seu corpo

26 SATÉLITE
DICAS SEXUAIS: dos panfletos de São Paulo até Londres, Praga e Kyoto

30 DEZ PERGUNTAS + 1 ...
Sobre a trajetória de FERNANDO DELUQUI, do RPM aos Engenheiros

60 LANÇAMENTOS
"Legalize já!" é o mote canábico do álbum de estréia do PLANET HEMP

80 CLÁSSICOS
SONIC YOUTH, feras da new wave e THE LEFT BANKE na Jukebox

90 DISCOTECA BÁSICA
O heavy rock que "nasceu para ser selvagem", com STEPPENWOLF

este mês

34

A voz e o carisma de **MARISA MONTE**, encantando platéias pelo Brasil e dando vida nova para a MPB

42

Em plena terra da chanson, surge um movimento para agitar o cenário musical local: o **RAP FRANCÊS**

46

JON BON JOVI abre as portas de sua mansão para a BIZZ. Confira a intimidade do astro multiplatinado

52

O universo do pop/rock estaria voltando às raízes? Ou a febre do **SOM ACÚSTICO** é uma onda passageira?

56

Lançando disco novo, longe das loucuras e [illegible] com sua netinha, **TIM MAIA** solta o verbo para a BIZZ

Cartas

ELA É O MÁXIMO!

O nome e a palavra Cuca me trazem boas recordações... Alguém aí se lembra do *Sítio Do Pica-Pau Amarelo*? Lembro também de um cara meio xarope que fez uma música (!) que tinha o seguinte refrão: "Grilo na cuca/Minha cabeça está pegando fogo!" Quanto à essa Cuca da MTV, a cada aparição dela na telinha, eu começo um novo "processo de excitação". Eu digo para mim mesmo: "Humm, a Cuquinha hoje tá que tá hein!!" Não vou assinar a carta com meu nome, mas vou deixar meu pseudônimo.

Cinco Contra Um, *(paradeiro desconhecido)*

Divina. E como se pode classificar a capa da BIZZ 117, com a deusa Cuca. Não esperávamos mais nada depois da Regininha (Poltergeist) no Showbizz e do "anjo das guitarras", mas a Cuca detonou. Obrigado!

André Estefany Rovaris, *Criciúma/SC*

Queríamos parabenizar a revista BIZZ, que em sua edição 117 nos trouxe uma matéria com a VJ mais querida da MTV: a belíssima Cuca! A capa estava ótima e foi uma grande oportunidade dada a todos os seus fãs para saberem mais coisas a respeito da namoradinha do Brasil.

Fã-Clube MTV, *Belém/PA*

Cuca e BIZZ têm tudo em comum. Tanto de uma quanto da outra, pode-se dizer que são bonitinhas e modernas, ou coloridinhas e padronizadas.

Fábio Roberto Jr., *Pirituba/SP*

ELOGIOS AO MESTRE DUKE

Quero parabenizá-los por apresentar aos mais jovens o talento de Duke Ellington (veja Clássicos da edição 117), comprovando mais uma vez a proposta eclética que guia esta revista.

José Paulo Melhado, *São Paulo, SP*

COURTNEY LOVE NA MIRA!

Todos somos mortais, todos caímos em tentação. Courtney Love tem uma puta personalidade, mas a pobre coitada é tão ou mais desgraçada quanto meu eterno irmão Kurt Cobain.

Rick Ishak, *Belém/PA*

Escrevo para dizer que odeio Courtney Love. Eu sinto o pior sentimento que um ser humano pode sentir por outro. Com toda minha ira de adolescente, juro que se a visse na minha frente não pensaria duas vezes: a mataria!

Karla Rafaella, *Manaus/AM*

PUNK'S NOT DEAD

Parabéns pela matéria "Anarquia Reciclada", publicada na edição de abril. Valeu pela história do movimento e para finalmente ver uma foto do tão falado e tão pouco mostrado New York Dolls.

Júnior, *São Paulo/SP*

Encontrei tudo que eu gosto na edição 117, principalmente a ótima matéria sobre o punk rock. Além disso, adorei as matérias com Slash, Pamela Anderson e Cuca, a rainha do meu coração.

Júnior Bongiovi, *João Pessoa/PB*

> **"Parabéns pela matéria 'Anarquia Reciclada' (da BIZZ 117). Quem sabe se com a volta do punk rock essa febre de *dance music* acabe e todos vejam que o punk nunca morreu"**
> **Teresa C. Silveira, *São Paulo/SP***

MAIS PUNKS & PUNKS

De todo blá-blá-blá sobre o Green Day, basta resumir o assunto com a simples opinião de Clemente, dos Inocentes, publicada na BIZZ 117. É aquela história: "Mídia, mídia... Difícil mesmo é um novo Nirvana, não?"

Moacir Carneiro, *Belém/PA*

Fiquei enojado com a declaração do João Gordo, dos Ratos De Porão, na BIZZ 117. Quem é ele para criticar bandas como o Green Day ou o Offspring? Ele sabe que esses grupos não surgem de uma hora para outra.

André A. Silva, *Salto/SP*

Discordo do pseudo-raivoso João Gordo. Na edição 117, na matéria sobre a história do punk rock (que por sinal estava "duca"), o vocalista dos Ratos De Porão diz que o Offspring é um lance de mercado. Só uma sugestão: vá ouvir os discos do Offspring e mude sua pobre e opaca opinião.

Daniel Tambarotti, *Duque De Caxias/RJ*

A matéria sobre o punk rock estava ótima. Eu concordo com o João Gordo quando ele diz que essas bandas pegaram o bonde andando. Sou mais Ratos De Porão do que o Green Day!

Cristina V. de Souza, *São Paulo/SP*

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)
Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade Claudio Santos
Diretora Comercial Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araújo
Diretor Financeiro Pedro Frazão

BIZZ

REDAÇÃO

Editor-Chefe: [illegible]
Editor Especial: [illegible]
Editor de Arte: Richard Kovács
Editores-Assistentes: [illegible]
Editor-Assistente de Arte: [illegible]
Coordenador de Produção: [illegible]
Arte: [illegible]
Correspondentes: [illegible] (Londres), José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores • Texto: [illegible]
Fotos: [illegible]
Ilustrações: [illegible]
Revisão e Preparação de Texto: [illegible]

STAFF EDITORIAL

Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Arlovaldo Carreira Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE

Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Contatos de Agência: Ana Maria Lobo, Andréa Machid, Marcelo Cataldi e Rosana Pires
Contato: Ana Lúcia Bertola
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Pensamoto, Alex-Sandar, José Soares, Tieko Kuniyuki

COMERCIAL

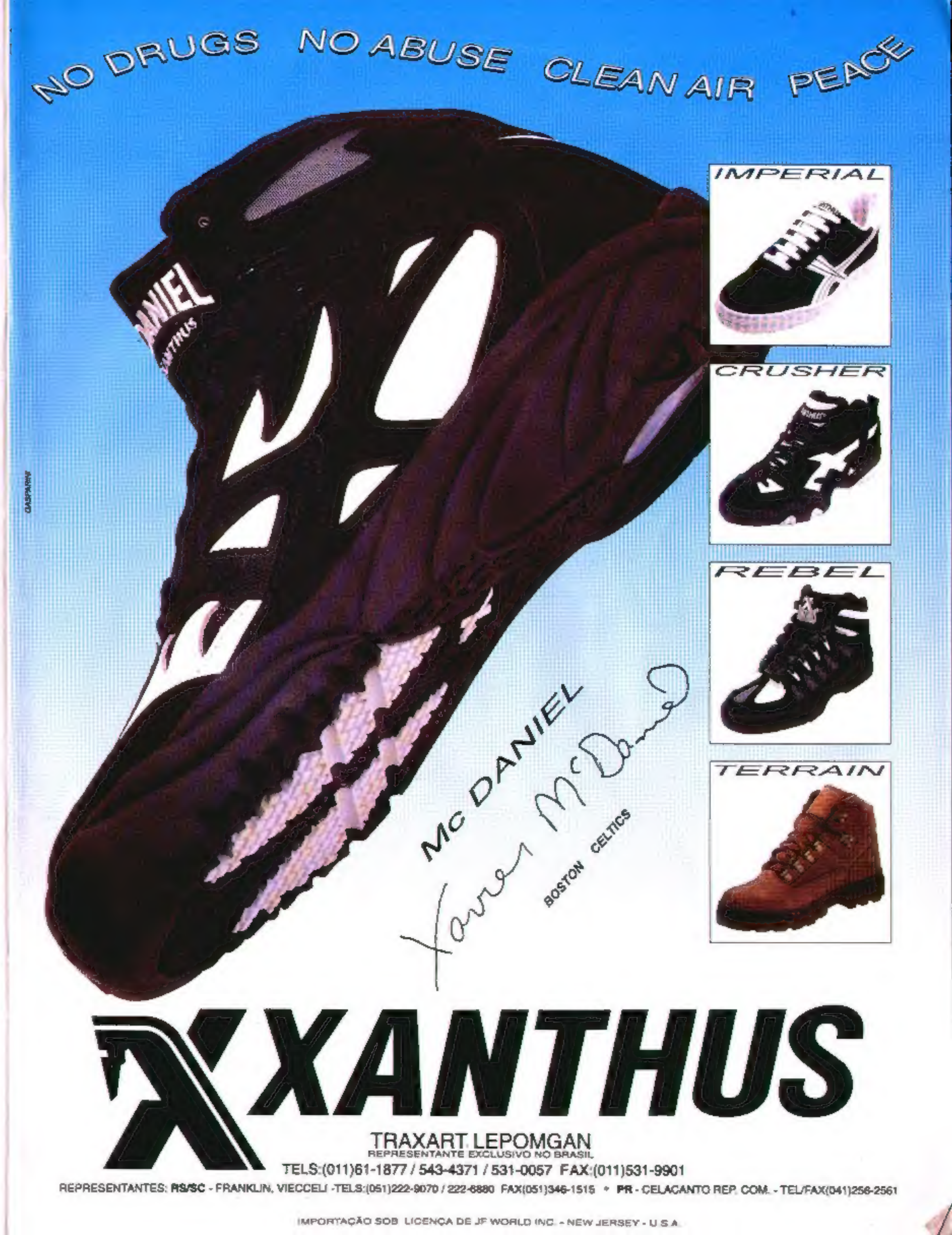
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Paffa da Silva
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1649, edição 119, Junho de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7666, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1458, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** [illegible] exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque), ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap de sua cidade. Se preferir peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP, Fax (011) 810-4600, Tel (011) 810-6800 (Dinap) pagando com os cartões VISA, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.
Fotolito: Fotoline Ltda, Bureau Azul, Promocional, Proposta

ANER IMPRESSA NA EDITORIAL ANTARTICA S.A. IVC



O trio The Police, um dos grandes grupos dos anos 80, teve seu trabalho resgatado em um registro ao vivo

1995: O MELHOR ANO DA DÉCADA DE 80

Se os anos 90 já começaram, alguma coisa está errada. Publicações caretas achando o máximo grupos moderninhos e a coleção de discos de platina das bandas "alternativas" são mais do que lembretes de que a era da empulhação, do oportunismo e da opulência – a "Me Generation" – não acabou, conforme anunciado.

A década de 80 continua em cartaz. Seja na volta à ativa ou no lançamento de material inédito de artistas como Talking Heads, Devo, The Go-Go's, Ric Ocasek (ex-The Cars) e The Police (*leia texto abaixo*) ou na reciclagem perpetrada por novos grupos. Os ingleses Elastica, Pulp e Blur, por exemplo, redescobriram o antiquado sintetizador Casio como a penúltima novidade. A última – o *hype* do ano na Inglaterra – é o grupo Marion, já chamado de "o Joy Division dos anos 90", na capa do semanário *Melody Maker*. Enquanto isso, a pobre Justine, vocalista do Elastica, diz que Adam Ant é o que há, embora prefira copiar Blondie e os Pretenders em seu rock atual.

Nos Estados Unidos, a ladainha tem melodia semelhante. Tudo o que o badalado Rancid lembra, do alto de seus moicanos, é que o Exploited gravou, com moicanos ainda mais altos, *Punk's Not Dead* em 81.

A "nova" cena hardcore americana, liderada por Green Day e The Offspring (*veja BIZZ 117*), chegou às capas das principais revistas especializadas do planeta e à consagração dos discos de platina, sem mencionar que copiam tudo dos velhos álbuns do Bad Religion. Não é à toa que, depois de passar 15 anos no esquema independente, o Bad Religion finalmente assinou com uma gravadora multinacional (a Sony).

Está certo que os grupos do underground americano demoraram a chegar nas paradas. Mas há mais de dez anos New Order, The Smiths, The Cure e Echo And The Bunnymen chutaram o pop descartável da parada inglesa, ganhando para si o rótulo de "alternativos". Conclusão: os americanos estão repetindo a história com uma década de atraso.

E o fenômeno não pára por aí: Sonic Youth, Henry Rollins, Red Hot Chili Peppers e Beastie Boys, apontados como influentes na nova ordem do pop, estão na ativa desde a década passada.

De forma inevitável e previsível, a eterna rota dos revivals agora passa pelos anos 80

E não foi só o rock que entrou nessa. A nova febre da dance music é um retorno à house de 86. Os velhos DJs que inventaram a música estão sendo reverenciados nas pistas de dança e nas publicações *clubbers*.

No *hip-hop*, a *old school* ("velha escola", a primeira geração do rap) também vive um renascimento sem precedentes. Até o Digable Planets usa *samples* do pioneiro DJ Grandmaster Flash em suas composições. O próprio Flash voltou à ativa. Em 94 e 95.

É óbvio que o revival dos 80 se reflete na moda. Os velhos visuais gótico e *b-boy* estão de volta. Sem esquecer o estilo pós-punk – vide a filmagem da *Tank Girl* dos quadrinhos.

Enquanto isso, no Brasil, a Blitz e o Gueto sacodem a poeira. E Lulu Santos, como ficou claro na capa da BIZZ, dá a volta por cima.

Anos 90? Melhor tentar daqui uns bons dez anos.

Marcel Plasse

ENFIM, THE POLICE AO VIVO

Fãs do grupo The Police, preparem-se: o primeiro disco ao vivo de Sting (baixo/voz), Stewart Copeland (bateria) e Andy Summers (guitarra) está saindo do forno.

O duplo *The Police Live* traz o grupo ao vivo nos dois maiores momentos de sua carreira, em 79 (época de *Regatta De Blanc*) e em 83, na turnê *Synchronicity*.

Ao lado da essencial caixa de quatro CDs *Message In A Box*, lançada em 93 com todo material gravado pela banda em estúdio, *The Police Live* chega para fechar o pacotão de lançamentos do trio depois de seu tempestuoso término, em 84. Afinal, quem é ingênuo o bastante para crer que personalidades tão conflitantes possam voltar a nos brindar com algumas das melhores pérolas da história do pop?

ALTERNATIVO NUNCA MAIS

O ex-drag queen hardcore dá uma de bom rapaz e investe na dance music

"Quero cantar para o povão. Chegar num público que compra disco e vai aos shows", fala o vocalista **EDU K**, que viveu seus dias de "alternativo" ao lado da banda gaúcha DeFalla.

Edu abandonou o visual alienígena hardcore e agora veste terninho e gravata pretos (que, segundo ele, estão mais para Quentin Tarantino do que para Fábio Jr.). O repertório é de rap/pop básicos de refrões pegajosos.

Ele decidiu mudar os rumos de sua carreira porque acha que há uma brecha no mercado que os ídolos da Jovem Guarda ocupavam nos anos 60. "O último grande ídolo pop que tivemos foi o Roberto Carlos. Mas agora ele ficou pastel", revela o cantor. A mudança, a princípio, deu bons resultados para Edu K: ele chegou ao primeiro lugar na parada da rede Transamérica, com a música "Vai Tomar No "#$@X?!", antes mesmo de sair às ruas para promover seu álbum. *Robert Halfoun*

COURTNEY LOVE A MADONNA GRUNGE

Courtney Love, para lá de Bagdá...

Beijos com outras mulheres em público – como aconteceu recentemente numa festa em benefício às vítimas da Aids, em Nova York (*foto*) –, chapação, calcinhas à mostra no palco e capas de revista. **COURTNEY LOVE** segue o caminho bagaceiro de Madonna. O último foi após a cerimônia de entrega do Oscar, quando Love jantou com o diretor Quentin Tarantino e a jornalista da *Vanity Fair* que escreveu que Courtney usou heroína, quando estava grávida. Love gritou que "deveria ter estourado os miolos da jornalista com o Oscar de Tarantino".

As tretas com a jornalista, no entanto, não abalaram o relacionamento de Love com a revista. Ela é a capa da edição de junho e vestida de anjo diz que, logo após a morte de Cobain, ela andou um tempo armada com medo de sofrer um atentado de um dos órfãos do Nirvana.

A viúva ainda está articulando o lançamento de uma futura biografia, que provavelmente será escrita pelo novelista de terror americano Poppy Z. Brite. Love não pára. *Robert Halfoun*

...sapecou beijocas na mulherada

COM O DIABO NO CORPO

HANNAH LIMA, a cantora da **BLITZ**, de 24 anos, tem chamado a atenção por suas performances "endiabradas" no palco. Com coreografias e figurinos sexy, ela mostra uma "desinibição" no palco capaz de fazer Madonna parecer meiga e contida. Antes da Blitz, Hannah cantou durante dois anos com Magal (sim, o apaixonado pela cigana Sandra Rosa Madalena) e, ironia do destino, trabalhava com a ex-cantora da Blitz, Fernanda Abreu. Influenciada por Soul II Soul e Aretha Franklin, a moça curte um "som de negão".Como mostram as fotos, quem for aos próximos shows da Blitz deve levar um babador... *Cláudia Grechi*

A BANDA MAIS "DESENCANADA" DE SEATTLE

Chove, para variar, em Seattle. "Você ainda não leu, em algum lugar, sobre a teoria da chuva no rock de Seattle?", **MARK ARM** começa a falar, dando mostras de sua famosa ironia. "Tem a do café, também". Mark gosta de teorias. A última, sobre ídolos de rock, pode ser ouvida no novo álbum do grupo **MUDHONEY**, *My Brother The Cow*.

Ele sabe que pode ridicularizar. Já fazia parte da cena de Seattle uma década antes dela virar piada. Como guitarrista e vocalista do grupo Green River, na metade dos anos 80, presenciou o nascimento das primeiras

bandas lançadas pelo selo Sub Pop. E no Mudhoney, a partir de 87, foi um dos padrastos malvados do "grunge".

Seattle virou moda, teve um mártir e cansou. Mark, agora, ri. Diverte-se com as polêmicas causadas pelo novo disco de sua banda.

Enquanto os outros grupos de Seattle embarcaram em músicas muito sérias e deprimidas, Mudhoney veio com um disco irônico, que não poupa as vacas sagradas da cidade. Isto não vai criar um clima?

Já criou. Mas é o meu jeito de lidar com certas situações. Se você começa a levar tudo muito a sério, acaba dando um tiro na cabeça, também.

***My Brother The Cow* chegou às lojas exatamente um ano após a morte de Kurt Cobain. Vocês não eram chegados?**

Não muito. Exceto pelo fato de que, em novembro de 93, fizemos uma turnê com o Nirvana. Só fui começar a vê-lo cerca de um ano antes de sua morte. Ele se isolava muito.

Quando você gravou: "Por que você não estoura o cérebro também?", já sabia que Courtney Love ficaria louca, não?

Acho até que ela tem direito. Mas há outras pessoas que também deviam ter ficado — e bem mais. É típico dela pretender que o mundo inteiro gire a seu redor. Na verdade, a letra é um manifesto contra esse tipo de mentalidade. As pessoas têm que parar de agir como se fossem messias.

Por que o principal alvo do novo disco que vocês fizeram é essa coisa de idolatria no mundo do rock?

Porque a imprensa que lida com o meio musical, todo mês, elege uma pessoa diferente, põe na capa de suas publicações e diz que ela representa algo para os adolescentes. E o pior é que tem ídolo que realmente acredita que significa algo. Assim também como tem adolescente burro o suficiente para acreditar nesses ídolos.

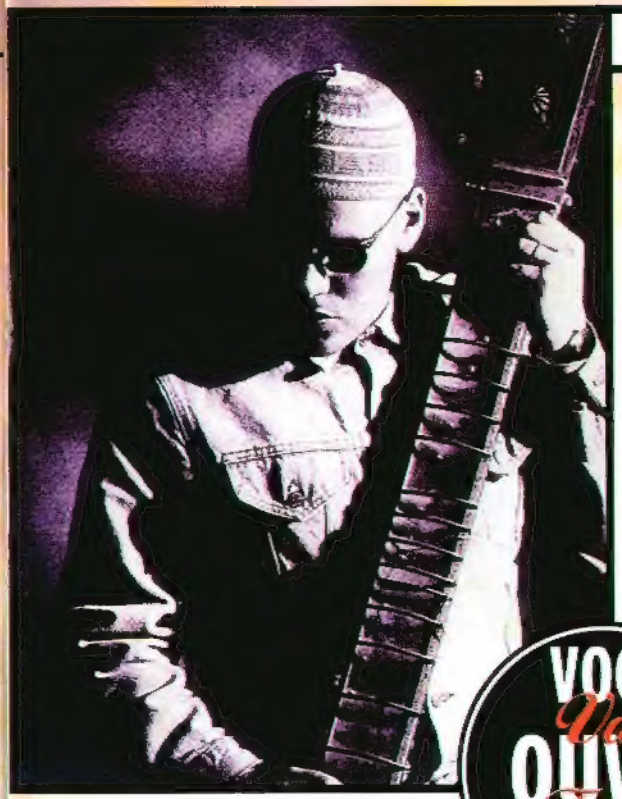
Mudhoney nunca foi pressionado a gravar músicas mais comerciais?

A gravadora ia dizer o quê? "OK, caras, agora vocês têm que compor um hit!" Acho que tem gente demais nesse negócio virando noites para gravar hits. E tudo o que conseguem é compor lixo. Além disso, as músicas que eu gosto nunca tocaram no rádio. *Marcel Plasse*

notas

MARVIN GAYE ganha um disco tributo com participação de **U2**, **MADONNA**, **MASSIVE ATTACK** e **PUBLIC ENEMY** *** Mais tributos: **SMASHING PUMPKINS**, **MOBY** e **DAVE NAVARRO** (Red Hot Chili Peppers) estão num álbum em homenagem a **IAN CURTIS** (Joy Division) *** **MADONNA** e a "amiga" Ingrid Casares desembolsaram 200 dólares por duas cadeiras na pré-estréia do filme The Addiction, de Abel Ferrara. Com a sala lotada, ela morreu com a grana, já que ninguém cedeu lugar para as moças *** Confirmada a escalação do festival Lollapalooza '95:

SONIC YOUTH, **HOLE**, **BECK**, **PAVEMENT**, **CYPRESS HILL**, **JESUS LIZARD**, **MIGHTY MIGHTY BOSSTONES** e **SINEÁD O'CONNOR** *** **BOBBY BROWN** (foto) brigou num clube noturno e arrancou com uma dentada um pedaço da orelha de um cliente. Ao ser preso, Brown urinou na cadeira de um dos policiais que o interrogava. O cantor pode pegar até 15 anos de prisão.



VOCÊ Vai OUVIR Falar DE

Children of Judah

O nome de Barrie K. Sharpe *(foto)*, líder da banda **CHILDREN OF JUDAH**, está ligado aos primórdios do *acid jazz*. Ainda em 87, quando o movimento era considerado apenas uma retomada *mod*, ele compôs o hit "Masterplan", sucesso nas pistas ainda hoje. Sharpe ainda fez gigs com o pessoal do Brand New Heavies e com Nellee Hooper (leia-se Soul II Soul) e, em 92, lançou um disco fantástico com Diana Brown. Com todos esses créditos – além do fato de ser um dos maiores *experts* ingleses em soul music –, seu novo álbum, *Waiting By The Gates Of Eden*, confirma toda expectativa criada em torno do trabalho de Sharpe. Dançante do começo ao fim e apoiado basicamente no soul/funk dos anos 70, as músicas têm refrões que não saem da cabeça. O disco ainda traz de volta os solos de guitarra lisérgicos e o órgão Hammond para adornar letras românticas, como a de "Tripping Out", uma homenagem a sua esposa, Hewitt, ou a correção política de "Colours". Tudo, claro, temperado com *samples* exatos. As colaborações ao seu trabalho não são menos importantes: Rose Wyndross, Vivienne McKone, Robbie Gordon, Valerie Ettiene, Wynston Roberts... Com certeza, essa é uma das melhores coisas que vamos ouvir este ano. *Edgard Reymann*

Psycho Drops

Barulho e diversão. Esta é a linha mestra do grupo **PSYCHO DROPS** que, apesar do nome gringo, canta em português, tem um tremendo sotaque brazuca e vem aí invadir a sua praia com uma porradaria pop misturada de melodias fáceis e colantes, daquelas que o Lulu Santos faz com perfeição. Se segura na cadeira, porque faz pular!

O nome em inglês é herança da fase em que eles adotavam uma "nirvanice camaleônica". Lançaram um disco – *Another People* – pela gravadora francesa W.O.D e oferece-se uma recompensa para quem tiver uma das cópias que foram distribuídas no Brasil.

Em julho sai *Medo De Ninguém* pelo selo Banguela e com a força que o pop brasileiro vem se erguendo, não tenha dúvida de que deve roubar espaço dos famigerados bate-estacas nas FMs. *Robert Halfoun*

SYGMA

Esta gracinha não tem namorado e se enrubesce ao confessar que não usa calcinhas

SIMPATIA E BELOS OLHOS AZUIS

A nova-iorquina **JENNIFER CONNELLY**, 24, esteve em São Paulo e no Rio de Janeiro em abril para divulgar o drama político-romântico *De Amor E De Sombras*, no qual contracena com Antonio Banderas. Gracinha, com sorriso franco, simpática a toda prova, ela é um tanto tímida (enrubesce ao falar que não usa calcinhas). Ela estreou em *Era Uma Vez Na América* (84), de Sérgio Leone, e já contracenou com David Bowie (*Labirinto*, de 86) e Dan Johnson (o sensual *Hot Spot*, de 90, no qual aparecia parcialmente nua) e Jason Priestley (da série *Barrados No Baile*), no clip "I Drove All Night", de Roy Orbison. Connelly relembra que Priestley a convidou pessoalmente para atuar no clip (conheceram-se como apresentadores de um MTV Awards) e que "foram dois dias de beijos no deserto". Ela continua levando seus belos olhos azuis aonde for requisitada. É só esperar pelo próximo filme, *Mulholland Falls*, do neozelandês Lee Tamahori.

CHRISTIAN PETERMANN

Mestre da HQ chega às telas

A vida do maior cartunista da era hippie chega ao cinema. É claro que estamos falando de **ROBERT CRUMB**, o genial criador de personagens clássicos como *Fritz The Cat*, protagonistas de histórias que viraram de perna para o ar o caquético estilo de vida americano.

Crumb, o documentário, passa a limpo a vida do desenhista, indo da infância difícil – quando seu pai costumava espancá-lo – à velhice, vivida de forma mais do que pacata no interior da França. Hoje, aos 52 anos, Robert Crumb nem de longe lembra o cartunista que revolucionou os padrões dos quadrinhos americanos com suas histórias lisérgicas, recheadas de mulheres de formas generosas e figurinhas bizarras.

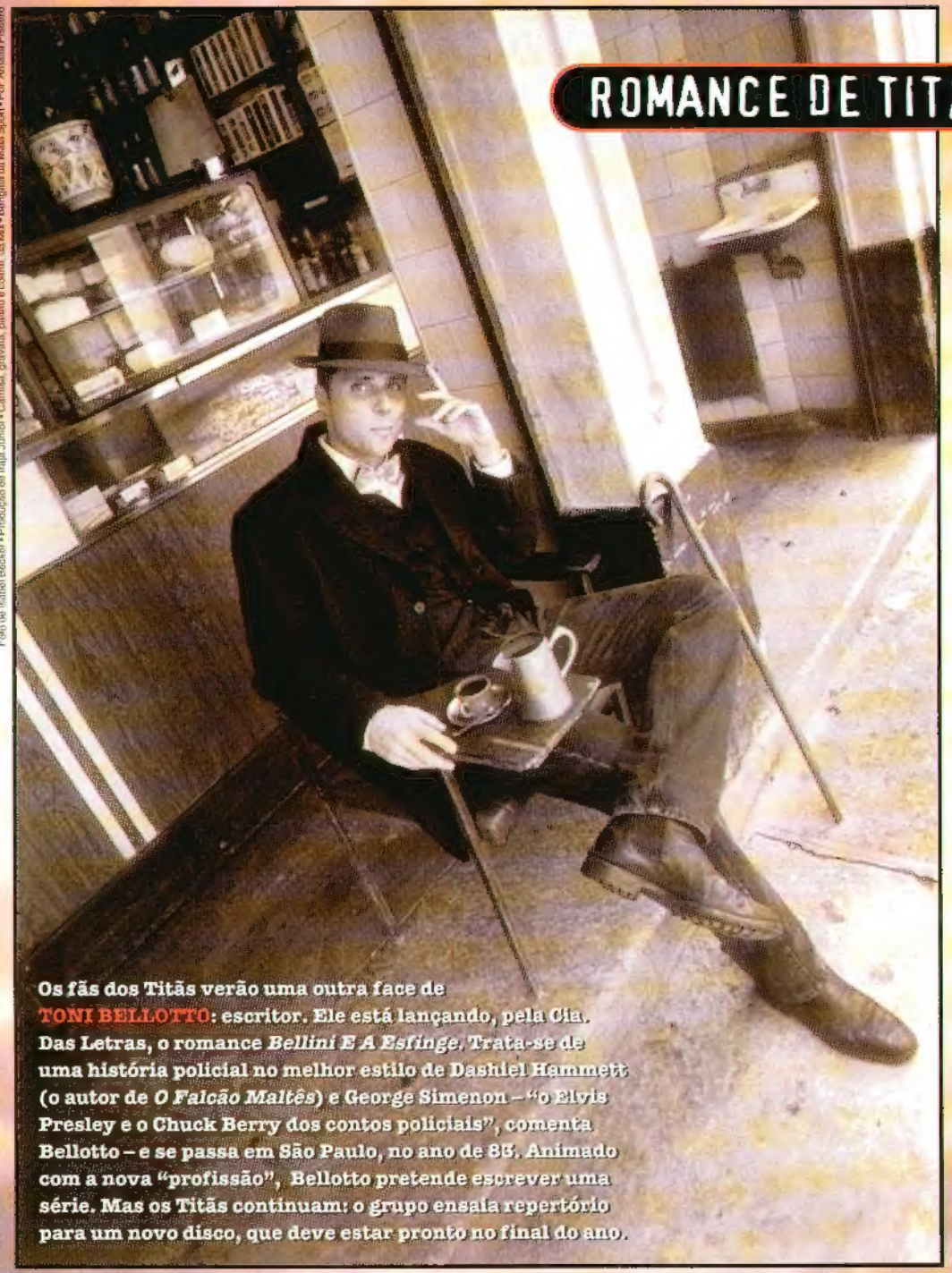
Não é exagero nenhum dizer que Robert Crumb é uma espécie de Frank Zappa dos quadrinhos. Assim como o compositor, o cartunista fez de sua obra um capítulo da história da contracultura. Confira o documentário *Crumb* na próxima Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, em agosto.

HELIO GOMES

O genial Robert Crumb e mais uma das suas muitas musas

ROMANCE DE TITÃ

Foto de Isabel Becker • Produção de Irajá Júnior • Camisa, gravata, paleto e colete, da Mix • Bengala da Mala Sport • Por Amália Pissero



Os fãs dos Titãs verão uma outra face de TONI BELLOTTO: escritor. Ele está lançando, pela Cia. Das Letras, o romance *Bellini E A Esfinge*. Trata-se de uma história policial no melhor estilo de Dashiel Hammett (o autor de *O Falcão Maltês*) e George Simenon – "o Elvis Presley e o Chuck Berry dos contos policiais", comenta Bellotto – e se passa em São Paulo, no ano de 83. Animado com a nova "profissão", Bellotto pretende escrever uma série. Mas os Titãs continuam: o grupo ensaia repertório para um novo disco, que deve estar pronto no final do ano.

DATAS

04/05 Ian Astbury e Billy Duffy anunciam o fim do grupo **THE CULT**, após onze anos de atividades. Eles tinham feito apresentações bem sucedidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, no mês de março anterior.

10/05 Aniversário do cantor do U2, **BONO VOX**. Ele – que prepara uma série de TV para a MTV – fez 35 anos.

11/05 Há 14 anos morria o maior ídolo do reaggae, o cantor jamaicano **BOB MARLEY**, aos 36 anos de idade. Marley estava com câncer que foi detectado apenas seis meses antes de sua morte.

14/05 Em 76, **KEITH RELF**, o vocalista da banda britânica **THE YARDBIRDS** morria após receber uma descarga elétrica, enquanto tocava guitarra em sua casa.

14/05 Os Titãs aumentaram a família! Nasceram João Mader Bellotto, no Rio de Janeiro, primeiro filho da atriz **MALU MADER** e do guitarrista **TONY BELLOTTO** e Sebastião Reis, filho do baixista **NANDO REIS**.

Weber Pádua

07/05 Depois de dois anos sem fazer shows em sua cidade natal, o **SKANK** *(foto)* toca para quinze mil pessoas no estacionamento do maior shopping de BH. De quebra, a banda ainda levou para casa seu primeiro disco de platina, fruto das 280 mil cópias vendidas de *Calango*.

25/05 A famosa casa de leilões londrina, Christie's, leiloou uma fita de 31 minutos e 13 canções, gravada por **MICK JAGGER** e **KEITH RICHARDS**, em 61. A fita, a mais antiga colaboração entre os dois, tem seu preço cotado entre 72 mil e 88 mil dólares.

15/06 **MICHAEL JACKSON** voltou com tudo: lançou um álbum duplo - *HIStory, Past, Present And Future Book 1*. Um dos CDs contém apenas hits de várias fases de sua carreira, como "Thriller", "Black Or White" e "Billie Jean". O outro CD traz quinze músicas inéditas com participações do grupo vocal Boyz II Men e Janet Jackson, irmã do cantor.

EM BREVE

London Features

Ozzy será o *headliner* do festival

PHILIPS MONSTERS OF ROCK

No dia 2 de setembro, acontece em São Paulo a segunda versão do festival **PHILIPS MONSTERS OF ROCK**. O *headliner* da festa é **OZZY OSBOURNE**, que volta ao Brasil num momento muito especial da sua carreira e promete um show histórico. Explica-se: o cara vai estar lançando o seu novo disco, *Ozmosis*, e depois de ter ameaçado abandonar a música, está de volta com o gás no pico. Segundo o dinossauro, o novo trabalho é o melhor da sua vida solo. Ele diz que nunca cantou tão bem e as canções têm a inspiração dos grandes momentos do Black Sabbath. Alguns críticos gringos, que acompanharam as gravações em Nova York, atestam as palavras do cantor.

As outras atrações internacionais são: **ALICE COOPER**, **FAITH NO MORE** e **THERAPY?**. Os nomes nacionais ainda não foram escolhidos e o local também não.

Robert Halfoun

McCANN

CAMEL

Genuine Taste

Produto disponível apenas no Estado de São Paulo.

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
FUMAR DURANTE A GRAVIDEZ
PODE PREJUDICAR O BEBÊ.

OUÇA ESSA

"Não estou interessado em qual é melhor ou pior. Não estou competindo com ninguém" – **BOY GEORGE** respondendo à pergunta: "Qual a pior *cover* do Iggy Pop: a sua ou a do Duran Duran?" na *New Musical Express*

"Não há nada que se possa fazer sobre o fato dele se parecer fisicamente comigo. Talvez ele tenha assistido vários clips do Clash" – **JOE STRUMMER** (ex-The Clash) fala sobre Billie Joe (Green Day) na *Musician*

"Aos nossos inimigos: que vocês se afoguem numa piscina cheia de merda!" – **ICE-T** no encarte do disco *Born Dead*, do Body Count

"Eu acho que toda essa história de sexo, drogas e rock'n'roll é forte entre as pessoas do meio musical, mas isso mata muita gente" – **JUSTINE FRISCHMANN (ELASTICA)** na revista *Request*

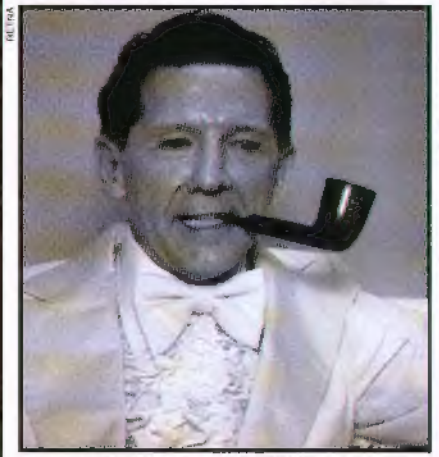
"Meu namorado me chama de princesa, mas tenho muito mais a ver com retardada e macaca" – **ALICIA SILVERSTONE** na revista *US*

"Às vezes, quando estou sobrevoando os Alpes, penso que é como toda a cocaína que já cheirei" – **ELTON JOHN** na *US*

"Tudo é bom. Mas peidar não é das coisas que mais aprecio" – **TRENT REZNOR (NINE INCH NAILS)** respondendo à pergunta: "O que uma mulher deve fazer na hora da transa?" na *US*

"Eu tentei voar outro dia, mas fui impedida pelos meus amigos. Eu estava completamente bêbada, subi no topo de um edifício e tentei pular. Mas era de uma maneira feliz" – **BJÖRK** no semanário *New Musical Express*

HISTÓRIAS DE MATAR



Jerry Lee: histórias para pagar dívidas

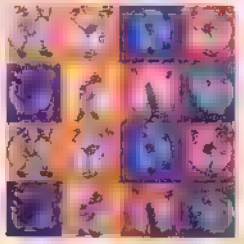
O cantor e pianista **JERRY LEE LEWIS** – o "Killer" – inaugurou recentemente seu próprio tele 900. Discando 900-988-FIRE nos Estados Unidos, e pagando três dólares pela ligação, é possível ouvir uma gravação onde o cantor conta histórias inéditas sobre sua vida e sua carreira. Este foi o modo que Lewis arranjou para arrecadar os 560 mil dólares que deve em impostos para o governo americano.

Nós gastamos milhões de dólares para ajudar o homem a ir a lugar nenhum um pouco mais rápido.

adidas
the brand with the three stripes

LEXICON

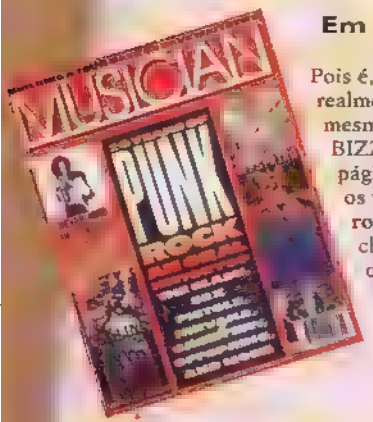
Veja antes de usar



Isto é que é arte marginal. Talvez daqui a alguns anos, o incrível acervo de 175 imagens impressas em tabletes de ácido lisérgico (LSD) do Instituto de Imagens Ilegais do governo americano possa freqüentar os maiores museus do mundo. Mas por enquanto, os aficionados – tanto em *pop art* quanto em cultura lisérgica – podem deliciar-se com alguns dos mais belos tabletes, exibidos nas páginas da *Wired*. Até agora, a coleção foi exposta em galerias americanas e até levou um prêmio durante uma mostra em San Francisco – a cidade-mãe dos hippies de todo planeta. Nada mais apropriado.

Brincadeirinha!!

Relembrando seus bons momentos, *The Face* armou uma deliciosa "pegadinha" de primeiro de abril com seus leitores: o primeiro supermercado de drogas do mundo estava para ser inaugurado em Berlim, oferecendo substâncias puras em doses controladas. Qualquer informação sobre os produtos seria esclarecida por funcionários da loja. Para completar, parte dos lucros seria destinada a programas de reabilitação de drogados e educação.
A brincadeirinha acaba numa boa: "devemos confessar que essa é uma piada – mas muitos podem crer que os alemães podem estar perto desse dia."



Em cima da hora

Pois é, coincidências realmente acontecem. No mesmo mês em que a BIZZ trazia em suas páginas um dossiê sobre os vinte anos do punk rock, a *Musician* chegou às bancas com o mesmo tema em sua capa. Gritemos em uníssono: longa vida ao velho punk!

Olha o pé na jaca!

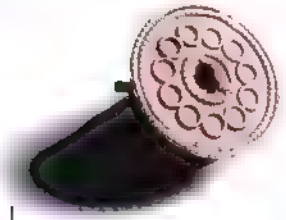
De Aerosmith a Zappa, poucos conseguiram escapar da língua ferina da *Vox*. A revista britânica não poupou seu veneno ao destilar as maiores baixarias protagonizadas por *rockstars* de todas as gerações, reunidas no livro *Excess All Areas* (*Excessos Em Todas As Áreas*), que acompanha sua edição de maio.
Simplesmente imperdível.

Helio Gomes

RUNNING
LEXICON LADY
SL 96
ALLEGRA PLUS
RESPONSE
NBTA
STRATEGY
TENNIS
the brand with the three stripes adidas
CROSS LITE TRAINER LADY
XTR COMP
TURF LO LITE
CROSSTRAINING
BASKET
STREETBALL IV
B.B. LO
CENTURION

ENJOY IT

SEU FURO É UMA JÓIA



TRIBAL Jóia tribal indiana em prata. É preciso ter um tremendo rombo na orelha para usar e o processo de alargamento do furo demora. Para adeptos ferrenhos do *body piercing*! **R$ 60**

CRISTAL SKULL ✲ Boa oportunidade para transformar seu mamilo num cabide e ficar bacana com um cristal pendurado. Só precisa ter muito "peito" para usar. **R$ 40**

SEPTUM KEEPER NIOBIUM O nome é estranho, a aparência é nada atraente, mas é extremamente útil. Fica totalmente invisível e serve para não deixar o furo fechar quando o período não permite um maluco usando uma jóia no nariz. **R$ 25**

INDIANO PARA NARIZ Coisa de moça fina. Mas também pode ficar legal dependendo da presença do marmanjo. Superdiscreto, dá para usar na boa. É pouco maior que uma cabeça de alfinete. **R$ 25**

ARGOLÃO BOLA ✲ Tipo arrombador. Bonitaço e enorme! A argolona de prata abre exatamente na ligação com a pedra de ágata. Para usar convém ter um furo mais alargado. **R$ 60**

BANANA BELLS A Madonna vem fazendo sucesso com ele. Reconheça, fica irresistivelmente atraente num belo abdômen feminino. A curvatura é para uma melhor adaptação no umbigo. **R$ 35**

ALFINETÃO ✲ Pode parecer meio ridículo, mas o alfinetão é perfeito para fazer o estilo *punk-chic* (que incoerência.). Tem gosto para tudo! **R$ 10**

PIERCE FAKE ✲ Decadance avec elegance. É de encaixe e não exige furo. Para quem gosta de fazer pose: vai na orelha e parece que o cara é uma peneira. **R$ 35**

ARGOLAS São as jóias mais comuns e as mais usadas. Encaixe onde quiser. Orelhas, mamilo, umbigo e até na vagina ou no pênis (aí tem que ser macho!). Em aço cirúrgico. **R$15**

LABRET Exclusivo para os lábios. Vem cá, vovó, que eu quero te dar um beijinho... Cuidado para não matar a velha de susto. **R$ 25**

UV LIGHT Numa rave o brilho das argolas faz o maior sucesso. Sob luz negra, o plástico ganha uma luminosidade impressionante. **R$ 35**

ARGOLA PRECIOSA Na mulher é o máximo, no homem fica meio viado. A pedra colorida é semi-preciosa e a argola é de aço cirúrgico. **R$ 25**

BARBELL Estes "halteres" em miniatura são outro *must* entre os furados. São usados, principalmente, nos mamilos, língua e orelhas. Os mais ousados usam no pênis. Feito em aço cirúrgico. **R$ 25**

INDIANO PARA A ORELHA Ouro fino! Usado só na cartilagem da parte superior da orelha, fica lindo em qualquer mulher. Da careta à descolada. *Made in* India, é de ouro com perolas. **R$ 120**

STUD NARIZ Rápido e seguro. Foge um pouco à tradição do *body piercing*, mas é legal. O furo é feito no esquema da pistola "de farmácia". Exclusivo para o nariz. **R$15**

ONDE ACHAR **BODY INOX-ANDRÉ MEYER.** Praça Benedito Calixto, 177, São Paulo - SP. Fone: (011) 881-6208

✲ **STUDIO VULCANO** Rua das Palmeiras, 220, São Paulo - SP. Fone: (011) 67-0358

A CATEGORIA É PESO LEVE, MAS A PORRADA TEM ATÉ 600 WATTS DE POTÊNCIA.

FW11 MICRO HI-FI SYSTEM 80 WATTS PMPO 20 WATTS RMS CONTROLE REMOTO - LASER CD PLAYER PROGRAMÁVEL RELÓGIO E TIMER - SINTONIZADOR DIGITAL COM 20 PRESETS OM E FM

FW15 MICRO HI-FI SYSTEM 280 WATTS PMPO 30 WATTS RMS LASER CD CHANGER PARA 7 DISCOS E MEMÓRIA PARA 70 FAIXAS - CONTROLE REMOTO ONE TOUCH INTELLIGENT OPERATION - DECK COM ADVANCED CD EDIT E CD SYNCHRO

FW17 MICRO HI-FI SYSTEM 600 WATTS PMPO 90 WATTS RMS - CONTROLE REMOTO - ONE TOUCH INTELLIGENT OPERATION - LASER CD PLAYER COM MEMÓRIA PROGRAMÁVEL PARA 25 FAIXAS DECK LÓGICO AUTO REVERSE COM ADVANCED CD EDIT E CD SYNCHRO - SINTONIZADOR DIGITAL FM ESTÉREO OM COM MEMÓRIA PARA 30 FAIXAS RELÓGIO DIGITAL COM TIMER E SLEEP

PHILIPS

SATÉLITE

ESPECIAL SEXO

Foto: André Seiller

PANFLETAGEM SEXUAL

Invade as Ruas de São Paulo

Depois da exploração e da divulgação de serviços sexuais pela televisão, pelos jornais e até pelo telemarketing, surge na capital paulista uma nova maneira de tentar conquistar quem está a fim de sexo sem compromisso. É a marcação corpo a corpo, a propaganda *tête-á-tête*. Saca a viagem:

Você está parado num sinal da hipermovimentada avenida Sumaré em São Paulo, numa tarde de uma segunda-feira qualquer.

De repente, uma senhora distintamente trajada com um sugestivo bustiê, chega à porta do carro e lhe entrega um panfleto com os dizeres: "AMOR A TRÊS – Lindas garotas irão acompanhá-lo e realizarão seus mais secretos desejos, em um clima de discrição e beleza. Venha conhecer-nos e desfrutar do paraíso dos prazeres."

O susto é inevitável. Um giro de 360° e você percebe que a sua "senhora" não é a única. Andando em meio a carros tripulados por todo o tipo de gente e homens, muitos homens, outras cinco meninas distribuem os panfletos numa boa e sequer chamam a atenção dos poucos pedestres que andam pela calçada.

A técnica de ação do grupo: rindo, uma diz para a outra: "Vai naquela Kombi, tem três caras!!". É a diversão continua. Pelo menos até que surja a luz verde.

No panfleto está o telefone do "paraíso dos prazeres". Por que não ligar e descolar algumas informações adicionais sobre a casa?

Uma voz de mulher conta, com todos os "queridos" e "amorzinhos" do mundo, que o esquema é simples. Basta chegar até ao local – localizado a poucos quarteirões do tal semáforo na Sumaré –, escolher uma menina e pagar 40 reais por uma hora de prazer.

Mas no panfleto está escrito "AMOR A TRÊS", não está!? "Ah, é só pagar 80 reais e escolher duas garotas."

Hélio Gomes

PRAGA

Auto-estrada da sacanagem. Os europeus transformaram a viagem de Praga a Dresden, na Alemanha, pela rodovia E55, numa festa! Durante todo o percurso deliciosas garotas tchecas, russas e eslovacas se oferecem aos motoristas a preços irrisórios. Aos sabados, duzentas garotas chegam a freqüentar a pista. A alta procura fez com que a Cruz Vermelha colocasse unidades móveis circulando pela estrada distribuindo camisinhas.

VANCOUVER

O melhor show de Courtney Love. O canadense é tarado em clubes de *strip-tease*. Vancouver é lotada de casas do gênero, que são frequentadas por todo tipo de gente. Até pela Sra. Cobain que, numa das suas passagens pelo N°5 Orange (Main St., 205), um desses lugares, aproveitou a onda das "dançarinas" locais e mandou ver num *strip* alucinante. Ela, por pouco, não fez a alegria (?) de outros *rockstars*, como os caras do Aerosmith, que também freqüentam o clube.

KYOTO

Gueixas em promoção. Levar um "tratamento completo" de uma gueixa no Japão não é mais privilegio de executivos milionarios. Uma delas, de 21 anos, abriu sua própria casa de gueixas e está revolucionando o mercado da "massagens", abandonando as taxas astronômicas de milhares de dólares por noite e cobrando "apenas" 124 dólares por hora.
Outra novidade: as meninas fazem "serviços especiais" e aceitam chamados em domicílio.

Orgulho americano: Annabel transou com 251 caras no mesmo dia em Los Angeles.

LOS ANGELES

Haja saúde! A atriz pornô Annabel Chong (*foto*) transou no mesmo dia com 251 caras escolhidos aleatoriamente nas ruas de L.A. e é a nova recordista mundial de sexo. A maratona virou o filme *Annabel e 251 Homens* e sai em junho no Brasil. A atriz desembarca por aqui na mesma ocasião, para divulgar o video.

SÃO FRANCISCO

Superonda de sexo solitário. Constatado que alguns americanos estão "pirando" com o risco da Aids, um instituto vem desenvolvendo *workshops* para os adeptos do sexo solitário. O Body Eletric School ensina para homens e mulheres como ter um profundo entrosamento com os seus corpos, para ter mais prazer atraves da masturbação, de movimentos eroticos e até de uma espécie de alongamento.

LONDRES

Castidade pos-moderna.
Os adeptos do *body-piercing* na Inglaterra chegaram ao cúmulo da "criatividade". Os caras reinventaram o uso de uma espécie de cinto, ou melhor, brinco da castidade. Explica-se: a mulher coloca uma argola em cada lábio da vagina e o cara, estrategicamente, aplica um mini-cadeado fechando as duas extremidades. Obviamente só o namorado fica com a chave. Santa ingenuidade!

NOVA YORK

De mulher para mulher. A nova onda em Manhattan são as casas de sexo direcionadas para mulheres. Não é difícil encontrar lugares onde o *strip-tease* e brincadeiras eróticas para fêmeas são as grandes atrações. No Juice at Buddha Bar (Varick St., 150), todo domingo, mulher paga cinco mangos e homem desembolsa vinte doletas para assistir a gostosas se despindo e excitando as garotas da platéia. É claro, alguns marmanjos apelidaram o domingão de *Sunday Party*.

CAYO

A verdadeira ilha da fantasia. O ex-empresário da atriz pornô Cicciolina transformou a pequena ilha de Cayo, próxima a de São Domingos, capital da República Dominicana, no lugar dos seus sonhos.
Sol do Caribe, uma superinfra turística e o principal: mulheres maravilhosas (incluindo *pornostars* européias), absolutamente disponíveis, te cercando por todos os lados. O pacote com nove dias de gandaia custa cerca de 1.800 dólares com todos os "serviços" incluídos.

NOVA LINHA HONDA 95
VENHA VER A NOVA LINHA HONDA 95 NAS CONCESSIONÁRIAS.
A VIDA TEM QUE SER MUITO MAIS QUE ISSO.
Paulo — Bolsa do Rio e Regionais
FUNDOS
Fundos de Renda Fixa
Curto Prazo
Sociedades de Investimento
DL 1401
Fundos de Investimento Cotas
Fundos de Renda Fixa
Curto Prazo
Fundos de Investimento
no Exterior
Quarta feira de novembro
Capital
Financeira
BOLSA

10 + 1 perguntas para FERNANDO DELUQUI

Depois de dez anos atuando ao lado de Paulo Ricardo, o ex-guitarrista do RPM, Fernando Deluqui, é a nova força dos Engenheiros do Hawaii.

Numa fase extremamente tranqüila, há cinco meses longe do trabalho direto com o ex-parceiro, Deluqui parece retomar um momento em que o rock é o que está realmente em primeiro lugar.

Satisfeitíssimo com a sua entrada nos Engenheiros, ele faz um retrospecto da sua vida, revela maturidade e fala sem problemas de temas "proibidos" como drogas, brigas, grana e piração.

Como rolou o convite dos Engenheiros?
Conhec. o Carlos Ma tz. virei amigo do cara e um d a eles me chamaram para fazer uma *jam session* no R o. Pegue meu carro, botei as coisas dentro, cai na Dutra, som rolando. Foi demais! Lá, fiquei surpreso com o quanto eles são desencanados com a música. A gente plugou e saíram altos *grooves* aproveitave s. Logo depois veio o conv te.

A princípio, a banda não tem muito a ver com o seu estilo.
Cara estou sentindo que eu finalmente me encontrei. Aquelas coisas do Jacks (ex-gu *tarrista*) rea mente não têm nada a ver, mas estou introduz ndo uma guitarra mais rock que esta anc nante. A em do ma s, a postura mais madura do Humberto de simplesmente cagar para fã, não ligar para o que dizem, não seguir a moda, tem tudo a ver comigo.

A histeria das fãs vai voltar à sua vida. Você chegou a sentir falta disso?
Na época do auge do RPM eu não podia ir ao shopping que vinha uma menina tremendo, tota mente descontro ada. Depo s deu uma amornada e agora aumentou de novo. Eu nunca l gue para sso. Apesar de gostar dos Rol ng Stones, sempre tive um esti o mais para o ado do Pink Floyd. Se ro ar tietagem tudo bem, se não, tudo bem também.

Era difícil o seu relacionamento com o Paulo Ricardo?
A gente sempre brigou. Desde o pr me ro RPM. Esses atritos foram aumentando e foram decisivos para o nosso afastamento. Antes que eu perdesse o amigo preferi sa r fora. Ficar forçando um lance só porque dá mu to d nheiro? Po, não é por aí. Eu não tenho vontade de tocar essa dance programada que e e ta fazendo.

Falando em grana, o RPM ganhou muito dinheiro quando estava no auge.
Não se te d zer exatamente quanto foi, mas rolou muita grana. Não dá para imaginar. É engraçado porque eu não fazia merda nenhuma, era um gu tarrista inha que sequer tocava legal. Só tinha boas deias. Torre essa grana dando festas todas as no tes. Eu tava sempre detonando, até que o dinheiro começou a m rar e tive que fazer alguns nvestimentos.

É verdade que muita grana foi gasta com drogas?
Não tenha dúv da. Com o dinheiro vieram também as drogas e a gente pegou mu to pesado. Tenho mas embranças. Não cons gu m te. o que v esse a gente traçava. O RPM acabou por causa do po. Ho e quase não uso droga. Troque as drogas pela música.

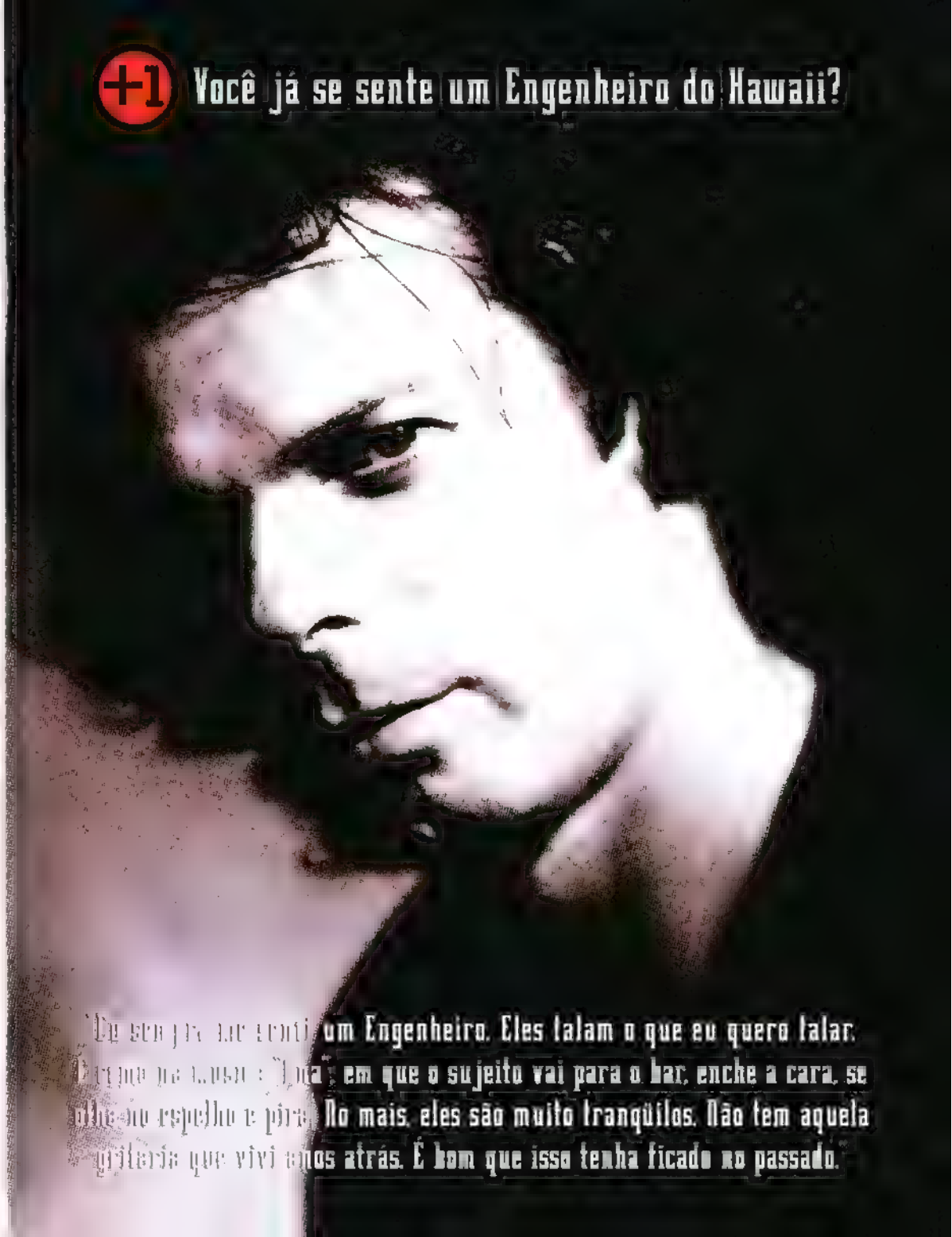
Você acha que a droga está vinculada à boa produção musical?
De e to nenhum. Princ pa mente a coca na. Ela te tira completamente do cam nho. Não da para real zar um bom traba ho. A un ca coisa que eu cons go fazer sob o efeito da coca é conversar. Por outro lado, sou favorável à maconha. Ela é um entorpecente leve que aumenta a sua percepção e, principalmente, permite que você tolere essa a teração.

Aconteceram altas tretas entre o RPM e o empresário Manoel Poladian. Ele é o bicho feio que foi pintado na época?
Eu até vo tar a a traba har com e e. Até porque ja se das dificuldades desse re ac onamen to. Não acho que e e seja um crápula, nós é que fomos inocentes. A superexposição, o excesso de shows. A banda concordou com tudo. O diabo é o próprio art sta.

Parece que a nova fase dos Engenheiros não tem compromisso com o sucesso. É essa mesmo a filosofia da banda?
Querer ac ontecer é a prime ra coisa que faz você destru r o seu traba ho. No RPM, depo s do grande estouro, a gente sentiu esse tipo de pressão e tive que ter mu to tato para lidar com sso. Mas não tenho absolutamente nada contra hits, contanto que sejam bem feitos sem armação. Nos Engenheiros estamos preocupados com outras coisas.

Te preocupa a possibilidade de ser rejeitado pelos fãs dos Engenheiros?
É lógico que sim. O fã não sabe o que va encontrar e eu compreendo sso. Quando o Ronnie Wood entrou nos Stones, eu fiquei supergr ado. Andei trocando de as com a guns fã-c ubes e parece que a galera está gostando de m m.

Robert Halfoun

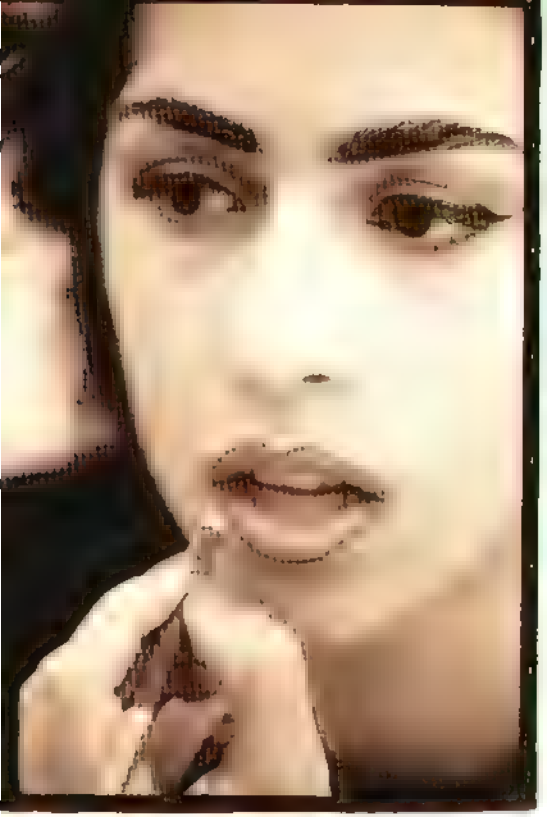


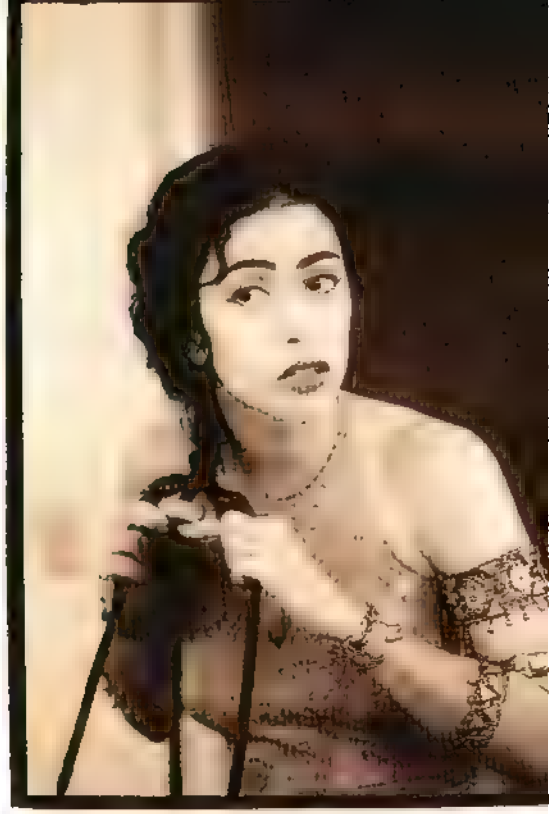
Eu não tenho
medo de admitir que
eu não tenho planos,
projetos, objetivos.
Pra mim a única
coisa verdadeira
É O SONHO.
Baixos teores.
FREE
Questão de bom senso.
O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
EVITE FUMAR NA PRESENÇA DE CRIANÇAS.

Marisa Monte abraça o Brasil

A cantora chega à consagração na turnê *Cor De Rosa E Carvão*. O show é uma celebração da arte brasileira, com instrumentos típicos e imagens do cotidiano nacional no telão. A BIZZ acompanhou os passos de Marisa, desde o camarim até os momentos de brilho no palco do Palace

POR SÉRGIO MARTINS FOTOS JORGE ROSENBERG





Marisa Monte prepara o clima de *Cor De Rosa E Car* vão. Chega ao camarim duas horas antes do show, se maquia...

O Palace, uma das casas de shows mais badaladas de São Paulo, esta lotado – uma rotina nos shows da turnê *Cor De Rosa E Carvão*. O *hall* da casa abriga todos os tipos de pessoas. Há desde jovens fãs de Marisa Monte até gente de meia-idade, impressionada com o vasto conhecimento da cantora de apenas 27 anos sobre a MPB, passando por músicos como Nando Reis e Jorge Benjor. Há também a famosa "turma do gargarejo", que num ataque de "ejaculação precoce" saúda Marisa gritando "Linda! Maravilhosa", trinta minutos antes dela subir ao palco.

Alheia ao frenesi do Palace, Marisa Monte se concentra, em seu camarim, e faz um aquecimento das cordas vocais. Ela chegou duas horas antes do show, vestindo malha e calça pretas, uma indumentária que, uma década atrás, colocaria a cantora na tribo *dark*. Só que Marisa não tem nada de gótico ou "para baixo": no palco, sua música é luz.

Marisa se maquia sozinha e dispensa comida antes da apresentação. Bebe água de coco e novamente exercita sua voz, enquanto prende os cabelos (que serão soltos estrategicamente no decorrer do show), dá entrevistas pelo telefone e pede ajuda à Rita, uma espécie de "faz-tudo" da cantora, na hora de colocar as roupas e as inúmeras pulseiras que lhe adornam os braços.

Faltando poucos minutos para a entrada em cena, chega o pessoal da banda. "A gente sempre se concentra no camarim para darmos umas risadas juntos", diz Marisa. Davi Moraes (filho de Moraes Moreira e atual namorado da cantora), recebe afagos tímidos. Carinhosamente, ela ajeita a manga da blusa do guitarrista. Um clima meio que fraternal paira sobre a trupe. Uns rezam. Outros gritam palavras de incentivo. É o ritual que precede a entrada no palco, onde, mais uma vez, Marisa Monte se entrega ao poder e à consagração da própria voz. A voz do Brasil.

Sob a luz dos refletores do Palace, Marisa Monte é saudada pelo público e agradece. Até o final de abril, seus três discos venderam cerca de 1,2 milhão de cópias e foram devidamente exportados para os Estados Unidos e alguns países da Europa, onde ela foi saudada como a nova voz brasileira".

Cor De Rosa E Carvão fez cerca de cinqüenta apresentações antes de brilhar no Palace. Do show que estreou na Europa houve algumas mudanças: Nando Reis e Luís Brasil (violões) deram entrada para Fernando Caneca e Davi Moraes. Desde março, Marisa conta com Flávia Virgínia (filha de Djavan) nos vocais de apoio. "Também mudaram cerca de 30% do repertório e a essência do show", observa Nando Reis. Alguns arranjos, porém, permaneceram. Como a introdução de violão para "De Noite Na Cama", ideia de Nando. No segundo semestre, Marisa Monte volta aos palcos gringos para mostrar mais uma vez que o Brasil "também é cor-de-rosa e carvão" e se firmar como o maior talento vocal surgido nos últimos tempos no país.

Heresia? Nem tanto. Marisa traz consigo a vantagem de compor músicas – e bem. Não precisa encomendar arroubos de inspiração aos compositores. "As melodias dela são geniais, tenho a maior facilidade em colocar letra nelas", confessa Arnaldo Antunes, que compõe com a cantora desde o disco *Mais* (91). Marisa explica que, para cada parceiro, existe um método de composição. "Com o Arnaldo eu possuo a intimidade de mostrar tudo o que tenho e ele escolhe o que quiser. Com o (*Carlinhos*) Brown é diferente: eu mostro alguma coisa e ele começa a extrair palavras do que estou cantando."

Marisa Monte faz parte de um grupo de artistas que lança novas perspectivas sobre a MPB. "Ela é do meu time, assim como Nando Reis e Arnaldo Antunes", comemora o compositor Carlinhos Brown, presença marcante em *Cor De Rosa E Carvão*. "Eu a conheci e 'bateu' imediatamente. Na primeira noite em que nos reunimos, saíram as três e únicas músicas que temos até agora. Tenho certeza de que outras virão."

Arnaldo faz coro aos elogios de Brown. "Para mim é uma honra ter minhas músicas cantadas por ela. Marisa Monte é uma das poucas cantoras que conseguem traduzir a intenção de cada canção", emenda.

Os discos e shows de Marisa Monte são uma "aula" de MPB para os mais jovens, que desconhecem a riqueza do cancioneiro popular. Em seus trabalhos, a cantora já resgatou nomes como Candeias (autor de "Preciso Me Encontrar") e Paulinho Da Viola ("Dança Da Solidão"). Durante um show no Canecão (Rio de Janeiro), ao anunciar que iria cantar "Rosa" (de Pixinguinha), alegrou-se ao ouvir um "Esta música é bonitaça", vindo de um surfista. "Fico feliz em poder dar a oportunidade para as pessoas ouvirem essas coisas". Não é à toa que Marisa Monte é saudada por Gilberto Gil como "aquela que tem a musicalidade típica de quem conhece a história da MPB". A preocupação de Marisa com a música brasileira se reflete na formação da banda que a acompanha, em sua atual turnê. Ao invés de usar samplers e teclados de última geração, ela optou pela simplicidade de um sanfoneiro, que dá o recheio às melodias criadas por baixo, bateria e guitarras. "Sempre gostei do som da sanfona, mas queria que ela fosse tocada por alguém da minha geração. Foi quando surgiu o Waldonys, que o Gilberto Gil tinha visto tocando em Exu (Pernambuco), no aniversário de Luiz Gonzaga".

Para reforçar as palavras da cantora, o *set* rítmico é mais baiano do que Mãe Menininha Do Gantois: Cezinha (bateria), os percussionistas Mônica Millet e Marco Lobo, além do baixista Dadi, chamado carinhosamente de "Dadivoso" pelo resto da equipe.

A própria concepção de *Cor De Rosa E Carvão* é, em grande parte, brasileira. "É MPB, seja nos instrumentos, na textura ou na mão-de-obra", diz Marisa. Além da música, há também uma valorização da cultura nacional.

...e prende os cabelos, que serão soltos durante o espetáculo

O telão exibe filmes como *Vidas Secas* (de Nelson Pereira Dos Santos) e *Garrincha, Alegria Do Povo*, cerimônias indígenas e marionetes. "Eu já tinha visto shows no Brasil com telões, mas eles não tinham como conceito uma identidade com a cultura brasileira como o meu show possui."

Mas nem todos esses atributos ainda foram suficientes para o sucesso de Marisa Monte ser unânime. Sua performance no palco é taxada por muitos como "mecânica" e "pouco espontânea" com seu gestual mais apropriado às grandes damas do teatro. "Isto não tem nada a ver. Os gestos de Marisa são adequados à sua maneira de cantar", socorre Arnaldo Antunes.

A súbita ascensão de Marisa – que teve seu passe disputado por várias gravadoras antes mesmo de dizer um "ai" na televisão ou rádio – também chega a ser questionada.

Porém, vale um aviso: ela já compunha desde criança e teve experiência suficiente para dirigir a própria carreira. Na estréia, onde tinha direção musical de Nelson Motta, Marisa atirava para todos os lados: cantava de Carmen Miranda a Marvin Gaye (o que, entre nós, indiretamente impulsionou a praga das cantoras "ecléticas"), passando por reverências a Tim Maia e aos Titãs. "O meu primeiro disco foi uma apresentação da cantora. Graças ao sucesso dele, tive a oportunidade de mostrar um outro lado do meu trabalho", avalia.

Marisa completa o raciocínio da estréia: "É um disco que cumpre a função dele. É um registro que, se não houvesse, faria falta. E a partir dele eu pude partir para outras coisas, como procurar compositores e músicas inéditas". O passo seguinte foi *Mais*, que ela define como "um trabalho de ruptura". Ali se permitiu "heresias" como chamar o tecladista japonês Ryuichi Sakamoto para interpretar "Rosa" e mostrar seus dotes de compositora, confirmados no disco *Verde Anil Amarelo Cor De Rosa E Carvão* (94).

Para se manter no primeiro time da MPB, Marisa Monte ensaia. Até dizer chega. "Eu diria que ela é uma grande ensaiadora", diz Nando Reis, ex-namorado da cantora. Durante as reuniões com a banda, Marisa dá idéias e se mostra receptiva à opinião dos outros. Como as da *backing vocal* Flávia Virgínia: "Eu costumo ser muito opineira' e ela se mostra bem atenta."

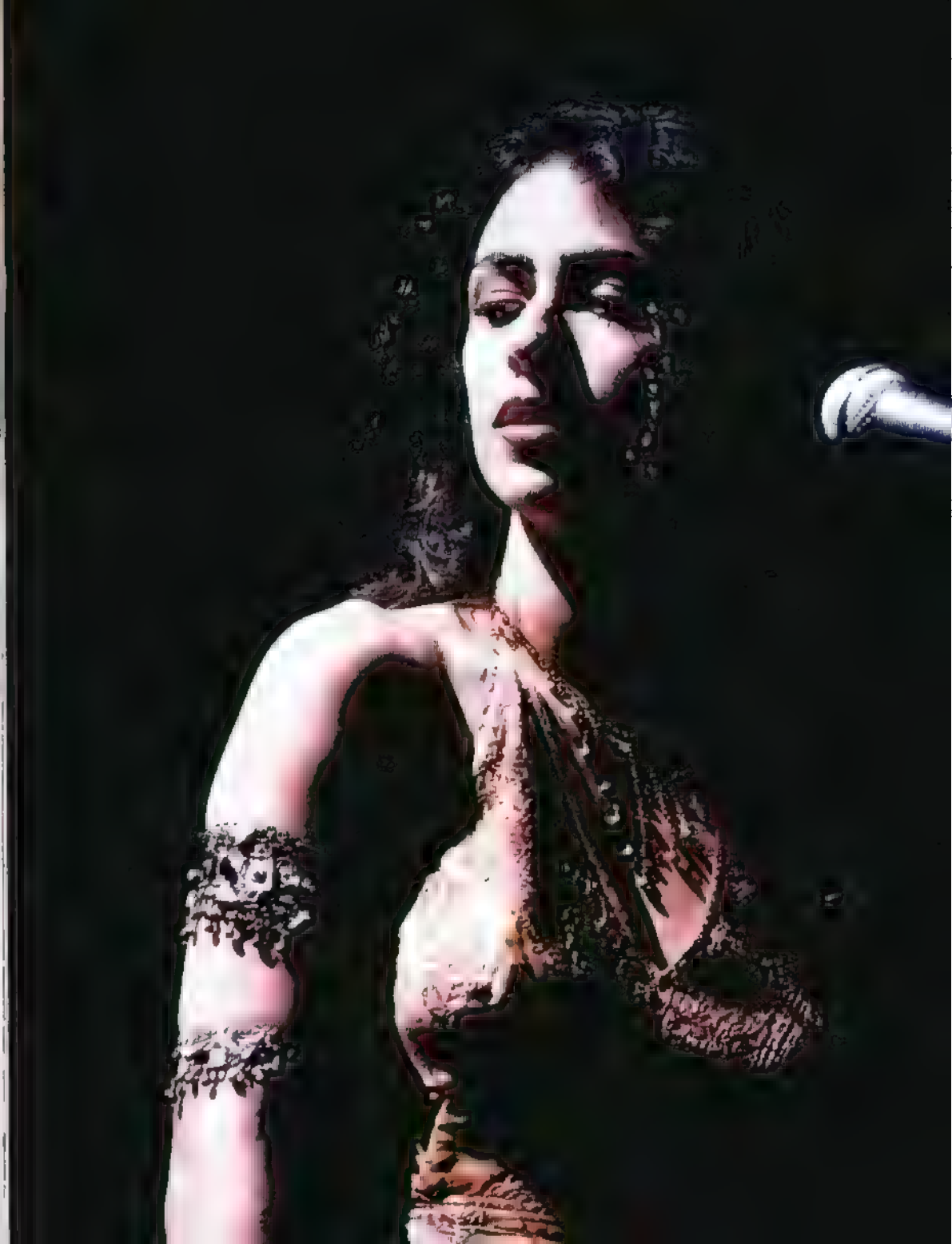
Outros palpites sobre o show partem de Léo Neto, empresário de Marisa: "Ele tem muita experiência. Como vê o show de fora, dá opiniões muito válidas. Léo está sempre presente nas reuniões de criação."

O show *Cor De Rosa E Carvão* ainda é formado por *covers*. Segundo Marisa, músicas que marcaram sua vida. "Se elas não tivessem 'batido' em mim como poderiam emocionar o público?" indaga. Pelo que cantou, vê-se que ela tem um leque de "bater" muito amplo. Basta lembrar que já reverenciou o rebolado (com direito a dança e tudo) da mega-brega Gretchen na turnê de *Mais*, ao cantar "Conga La Conga".

Em *Carvão*, Marisa preferiu voltar ao passado, reverenciando os anos 60. Canta "Panis Et Circensis" – de Caetano Veloso e Gilberto Gil, gravada pelos Mutantes e incluída no histórico disco *Tropicalia* – e "Give Me Love", do ex-beatle George Harrison. Nesta última, ela insere "It Ain't Over 'Til It's Over", do cantor Lenny Kravitz, outro que prefere a fumaça dos incensos aos sons ditos "modernos".

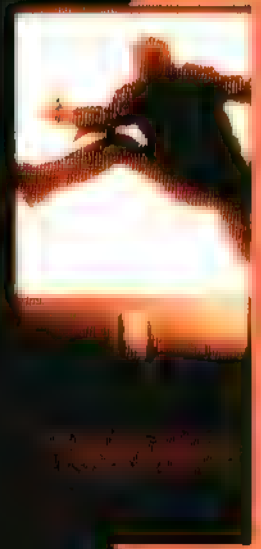
Voltamos para o Palace. Chega a hora de "Balança Pema", última música antes do bis. Marisa aproveita a presença de Jorge Benjor na platéia e conta sua vivência com a música. "Eu fui procurar o significado de pema no dicionário e descobri que se tratava de um peixe com rabo grande", começa. A platéia cai em risos com a malícia da história e Marisa emenda: "Mas o Benjor disse que "Pema" era o nome de uma coleguinha dele na escola: em dialeto africano, é sinônimo de beleza."

Marisa ainda volta para mais duas músicas. Uma delas é "Onde Você Mora", transformada em *hit* pelo grupo carioca Cidade Negra. Ao final da apresentação, o semblante de Marisa revela alegria. A cantora abre os braços. Tem-se a impressão de que ela abraça o próprio Brasil, já que seu show prestigia mais do que nunca, a arte do país. O Brasil agradece e coloca Marisa Monte no patamar que merece. ■



ENTRE E FIQUE A VONTADE

rap toujours



A velha Europa não escapou da prosa aguda do rap. Na França e na Suíça, a música favorita das ruas levanta bandeiras e descobre a poesia por trás da contestação, numa mistura de jazz, *rai*, *gogo*, reggae e *world music*. Os grandes nomes deste novo movimento já estão derrubando as fronteiras européias em busca do sucesso internacional. MC Solaar, maior talento do rap francês, invadiu os Estados Unidos. Enquanto isso, o IAM abriu os shows de Madonna na França – sem deixar de ser o grupo mais *hard* da onda. Correndo por fora, o Sens Unik sacode a poeira suíça. Celso Fioravante confere a verve destes *rappers* em três entrevistas exclusivas

sempre rap

mc solaar

O rapper francês Claude MC Solaar ainda não faz os norte-americanos se curvarem como fez um dia a francesa Edith Piaf, mas tudo é uma questão de tempo. Como ele mesmo diz na letra de "Qui Sème Le Vent Récolte Le Tempo", título também de seu disco de estréia, "O tempo é rei na arena musical/ As rédeas estão comigo, toureiro musical". No ano passado lançou seu segundo CD, Prose Combat, e provou que não era apenas uma moda.

Nos Estados Unidos, Solaar já participou do projeto Jazzmatazz, do rapper Guru (você o viu no último Free Jazz), e recentemente da coletânea Red Hot & Cool, *com a faixa "Ange En Danger" em duo com o contrabaixista Ron Carter.*

Solaar se define na letra de "A Temps Partiel" como autodidata do rap e mestre do sangue, aquele que "pôe, recompõe, decompõe na lingüística estruturalista da nova prosa", Megalomano. Solaar conseguiu como ninguém tornar a música francesa cosmopolita e novamente contemporânea.

O que você ouvia há dez anos, no início do rap francês?

Na época, não eram grupos, mas pessoas como Lionel D Dinasty, New Generation MC's. Ouvia Herbie Hancock, que veio junto com o rap. Afrika Bambaataa, que veio muito a Paris para fundar sua Zulu Nation... Não havia um movimento constituído na época. Ouvia muitas coisas ao acaso.

Você tem feito parcerias com vários grupos que não fazem necessariamente o mesmo tipo de som que você...

Partimos sempre de um *feeling* comum. Com o Urban Species, a idéia era falar de problemas sociais, como segregação e racismo. A mesma coisa aconteceu na faixa que fiz com o Guru no projeto *Jazzmatazz*. Só foi necessário achar o ponto comum entre Paris e Nova York e ver que algumas vezes os problemas são os mesmos em todos os lugares.

No seu primeiro disco, você gravou "L'Histoire De l'Art". Qual a sua importância na história da arte musical francesa?

(*Risos*) Acho que é tornar à música negra aceitável e ouvida por um público maior. São letras que saíram de um papel reivindicativo e adquiriram um lado poético. O rap na música francesa significa uma grande mudança.

Na mesma canção você diz que "é necessário devolver a Solaar o que pertence a Solaar".

(*Risos*) Na verdade é um pouco de megalomania e uma forma de reivindicar um estilo próprio. É também uma birra com os outros *rappers*, mas com humor.

Por que sua música não traz raízes africanas, sendo você um cidadão senegalês?

Além de eu ter nascido no Senegal, meus pais são do Chade. Mas a música que fiz desde o início foi o rap... Foi espontâneo. E eu não conhecia a música do Senegal. Agora que tenho viajado muito por toda a África, sei que conheço sua música melhor e poderei fazer algo no futuro.

Você citou o IAM, um grupo que possui uma proposta diferente da sua. Qual a sua relação com os rappers de Marselha?

O essencial é sempre o rap. Se a opção é *cool rap*, *hard cool* ou *hard*, não faz diferença. A mensagem e o conteúdo são o principal. No caso do IAM, eles observam e criticam a sociedade, mas sempre com humor – mesmo se o ritmo é pesado. O principal é o rap francês evitar sempre a divisão.

sens unik

Falar de rap na Suíça não é tão bizarro quanto se possa imaginar. A cena hip hop existe no país há quase uma década e tem no grupo Sens Unik, de Lausanne, seu maior expoente. O grupo fundou sua própria gravadora – a Unik – e agora se preocupa em lançar, além de seus próprios discos, trabalhos de outros rappers suíços e franceses.

Em suas letras atacam as drogas pesadas, como a heroína, um grande problema social na Suíça (maconha e haxixe, tudo bem), a massificação da cultura na televisão, as injustiças sociais, a identidade nacional suíça. Temperam esse discurso com rock, funk e música latina. O resultado? É para não ficar parado na pista, como conta o vocalista Carlos.

Os maiores da Suíça: Sens Unik

O que quer dizer Sens Unik?

Sens Unik tem dois significados. Vem do primeiro EP que fizemos, *Le 6 eme Sens* (O 6º Sentido), e quer dizer que musicalmente estamos em um sentido único. Também é uma conseqüência de todo o nosso passado na cultura *hip hop*. Quando criamos o Sens Unik, o nosso pensamento era ir sempre em frente.

O público suíço aceita bem o rap em francês?

O público suíço aceitou muito bem o rap e até nos incentivou. Vendemos muitos discos aqui, um pouco na França. Na Alemanha funciona bem. O rap em francês começa a ganhar muita importância e se desenvolve com grande rapidez.

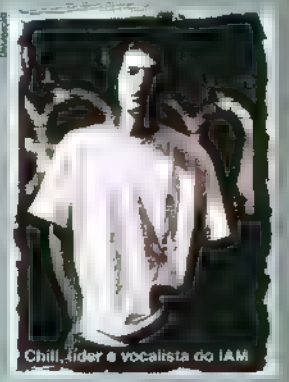
A Suíça sempre teve um problema de identidade. Isso influencia a produção de vocês?

Isso eu acho muito importante. Vou dizer uma coisa: nasci na Suíça, mas meus pais são espanhóis. Eles vieram aqui trabalhar e foram até bem recebidos, mas agora isso é diferente. Existe a crise e com ela o controle. Vivemos em três países diferentes, um francês, um alemão e um italiano. Os problemas com os imigrantes existem, mas se a cultura *hip hop* existe na Suíça, se deve exclusivamente aos imigrantes e aos seus filhos. É a mistura de raças e de culturas que possibilitou a existência do rap em um país como o nosso.

iam

Enquanto que em torno de MC Solaar gira o sistema do cool rap francês, é o grupo IAM que domina a cena hardcore francesa desde 90, ano de lançamento de seu primeiro disco, De La Planète Mars. Críticos ferozes, cantam sua cidade natal com todas as letras. Descendentes de imigrantes, reivindicam o direito à diferença: "Marselha, você é um outro Planeta/e para dirigir-lhe é necessário um outro meio".

Ate Madonna, que não é burra nem nada, percebeu que poderia se promover com tamanha atitude do grupo e – ainda em 90 – convidou-o para abrir seus shows na França. A última ousadia do grupo é seu segundo disco, um CD duplo com 44 faixas, Ombres Est Lumière, que saiu em vinil quadruplo. Chill, líder do IAM, prova mais uma vez nesta entrevista que ousadia pouca sempre foi bobagem.


Chill, líder e vocalista do IAM

Vocês se dizem provenientes do planeta Marte ("Mars", que é também a abreviação de Marselha) e Claude MC Solaar se autodenomina o formador de um sistema Solaar com estrelas do jazz rap francês, mas sem o IAM. .

Cada um tem seu estilo. Eu conheço o Claude muito bem e sei que, se ele não colocou Marte em seu sistema solar é porque ele sabia que Marte já existia em algum lugar. Certamente você pode dividir o estilo entre o rap feito pela IAM e outros grupos de Marselha e o rap de MC Solaar e o grupo que gira em torno dele, mas essa diferença só faz bem à música francesa.

No álbum* Ombre Est Lumière *vocês misturaram o rap hardcore com ragga, funk, música oriental..

E música brasileira. Sampleamos Jorge Benjor na faixa "Bang Bang".

A França realizou em 93 uma "caça" aos muçulmanos fundamentalistas e no ano passado proibiu que algumas garotas usassem o véu nas salas de aula. Como você encarou isso?

O mais grave é que a polícia prende muçulmanos que não têm nada de fundamentalistas, são apenas muçulmanos. Isso não é possível. Eu sou totalmente contra a mistura de política e religião. Acredito que quando somos muçulmanos e acreditamos em Deus, nosso dever é servir a Deus e viver. Eu sou muçulmano e meu nome em muçulmano é Hakem, que quer dizer "O Sábio".

O supra-sumo dos franceses

Uma discografia básica do rap em francês

Qui Sème Le Vent Récolte Le Tempo* e *Prose Combat
Sempre acompanhado pelo DJ Jimmy Jay, MC Solaar mistura rap, funk, soul e um "je ne sais quoi" inexplicável. Sem falar nas letras brilhantes.

De La Planète Mars* e *Ombres Est Lumière
O IAM faz da crítica social a peça-chave de seu discurso. Ironia, bom humor e muito sangue são fundamentais para a eficiência do discurso.

Les Portes Du Temps* e *Chronatic
No coquetel musical do Sens Unik entra rap, funk, soul, rock e muitos ritmos latinos. O segundo disco tem participação de MC Solaar.

Rap, Jazz, Soul E Atout* e *Point De Vue
É possível optar por um dos dois trabalhos de Soon E MC, já que o segundo traz vários remixes do primeiro. E o mais jazzy e *funky* dos franceses.

***La Majorité Silencieuse* e *Curfew* (EP)**
Liderado pelo DJ e pianista Pierre Audétat, o grupo Silent Majority canta predominantemente em inglês, mas com influências africanas e jazzistas.

La Rue Et Le Biz
A dupla Doug e e J.m. formam com uma série de músicos, ba latinos, DJs e convidados o grupo Etat 2 Choc, grande revelação do rap francês.

Le Futur Que Nous Reserve-t-il?
O grupo Assassin é o mais nervoso dos franceses de rap *hardcore*, unindo rock, heavy metal e funk. O disco saiu em 90, em dois volumes.

Les Cool Sessions
A mais importante das coletâneas de rap francês. De 93, foi pilotada pelo DJ Jimmy Jay e apadrinhada por MC Solaar.

SE VOCÊ TEM IRMÃO CHATO, IRMÃ CARENTE
CACHORRO PEQUINÊS E VIZINHOS VELHOS

OUÇA NO MÁXIMO

JEFF BUCKLEY
O cantor, guitarrista, compositor e performista Jeff Buckley já é uma grande revelação no exterior com o álbum "Grace"!

CORROSION
Um dos principais nomes das paradas independentes americanas e européias no cenário punk/metal/hard/rock.

BAD RELIGION
Movimento Punk/Rock da década que já

MIKE WATT
Ex-baixista do grupo Firehouse se uniu a Eddie Vedder (Pearl Jam), Thurston Moore (Sonic Youth), Pat Smear & Krist Novoselic (Nirvana) entre outros e produziu este álbum que já influenciou profundamente a geração de roqueiros da música alternativa.

MAD SEASON
O novo projeto formado por Layne Staley (Alice in Chains), Mike McCready (Pearl Jam) e Barrett Martin (Screaming Trees) já esta dando o que falar! A música "River of Deceit" já é um sucesso em muitos mercados!

ISSO É SOM, O RESTO É BARULHO.

O astro em seu estúdio caseiro. Nele, o cantor e seus companheiros de banda gravaram a maior parte do álbum *These Days*

A VIDA PRIVADA DE JON BON JOVI

Com uma atitude que poucos popstars têm a coragem de assumir, o líder do Bon Jovi abriu as portas de sua casa para um grupo seleto de jornalistas. Nosso anfitrião tinha muitas novidades a mostrar, a começar pelo novo disco de sua banda, These Days, e seu mais novo rebento, Jesse James Bon Jovi. HIDEYOSHI PEREIRA desvenda alguns dos segredos do homem de 1,2 milhões de discos vendidos em todo planeta

Com quantos paus se faz um *rockstar*? Foi com o firme propósito de encontrar resposta a esta questão que saí de casa numa tarde de quinta-feira chuvosa no finzinho do inverno nova-iorquino – que parece querer se arrastar indefinidamente como uma visita que não se toca da hora de ir embora.

Um grupo de jornalistas (formado por dois alemães, dois japoneses, um inglês e eu, o brazuca de plantão) foi convidado por Jon Bon Jovi e sua gravadora, a PolyGram, para uma primeira audição de seu novo álbum, *These Days*. O cenário tem a dualidade natural das coisas: Nova Jersey e a mansão do *rockstar*.

A cidade do astro é uma espécie de Niterói desprovida de belas praias – é conhecida pelo que tem de melhor, ou seja, a famosa vista da ilha de Manhattan.

Já a mansão de Bon Jovi atende a todas as expectativas: altos muros delimitam a propriedade em um bairro de classe média, onde as outras casas não possuem esse tipo de aparato, tendo somente gramados defronte às grandes janelas envidraçadas. Da entrada, avista-se o alto mastro com a bandeira americana como em um filme hollywoodiano.

Quem nos recebe à porta é o próprio Jon, casualmente vestido com jeans rasgados, de camiseta e tênis brancos. "Sejam bem vindos" anuncia sorridente.

Na sala de estar já se encontram algumas pessoas, na maioria o pessoal da gravadora e os *roadies* da banda.

"O que você gostaria de beber?", me pergunta o simpático anfitrião.

Não sei ainda, vou pensar um pouco.

Não pense muito, beba que te fará bem."

Seguindo seu conselho me armo de uma vodca Absolut com suco de *grapefruit* que o garçom me prepara graciosamente e começo a circular pelo salão, com altíssimas paredes repletas de discos de ouro e platina. Eu me arrisco a começar a contar os de platina, mas desisto lá pelo vigésimo, pois decididamente a imagem que tenho de mim mesmo, plantado no meio da sala, com o dedinho apontando para não perder a conta, meio que disfarçando, não é das mais *cool*.

No estéreo, Marvin Gaye dá lugar a Tom Waits, que sussurra melodias bem debaixo de um enorme quadro de Jon e Dorothea, sua mulher, em um dos muitos exemplares de *pop art* espalhados pela casa. O autor? "Andy Warhol, é claro", revela Yumi, uma jornalista japonesa vinda especialmente para a ocasião. Ela, como milhares de seus compatriotas, tem adoração pelo "extremely good-looking Jon", sabe tudo sobre o "bonitão", desde o seu passatempo favorito até as datas e lugares da próxima turnê da banda, que começa em três dias por Bombaim, na Índia.

O hobby de Jon Bon Jovi são as motos: ele possui duas Harley Davidson e já cruzou os Estados Unidos de costa a costa sobre uma delas duas vezes.

"Realmente, este é o melhor jeito de se conhecer este país. Minha mulher na garupa, alguns amigos e, no mínimo, dois meses... Sem pressa para chegar. Se por acaso eu me cansar, coloco as motos num avião e vou o resto da viagem." Sem dúvida, ninguém deverá encontrar muitos problemas para realizar uma viagem dessas nessas circunstâncias.

Percebendo meu interesse pelas fotos emolduradas em cima do piano, Jon me apresenta alguns de seus antepassados (ele é filho de um cabeleireiro e de uma coelhinha da *Playboy*), sua filha de dois anos Stephanie e outros que dispensariam introduções: Arnold Schwarzenegger, Herb Ritts e Cindy Crawford, posando sorridentes ao seu lado.

Somos interrompidos por um coro de "oohs!" de todos os presentes na sala. Por um segundo sou levado a pensar qual celebridade causaria tamanho efeito nesse tipo de gente (pois jornalistas e executivos de gravadoras são geralmente *blasés* ao extremo).

Mas nesse caso tudo se explica, pois quem fazia sua entrada na sala era a esposa de Jon, Dorothea, com o mais novo filho do casal, Jesse James Bon Jovi, de dois meses, naquela que seria a primeira "entrevista coletiva" do pimpolho.

Um coro de "oohs!" nos interrompe. A esposa de Jon, Dorothea, aparece com Jesse James Bon Jovi, de dois meses. Aquela seria a primeira "entrevista" do filho mais novo do casal

Pergunto a Jon por que o nome de um pistoleiro fora-da-lei, se existiria aí uma espécie de projeção ou coisa que o valha.

"Primeiro porque gosto do som desse nome, depois tem toda a mística do solitário, rápido no gatilho, que eu adoro. Mas se ele vai seguir esta ou aquela carreira vai depender dele mesmo."

Um dos aspectos mais reveladores da personalidade de Jon Bon Jovi é a sua relação com a mulher, que lhe deu dois filhos e tem estado ao seu lado desde os tempos de colegio.

Ela raramente acompanha as turnês da banda e simplesmente encara como ossos do ofício o assédio feminino que sofre o marido. Faixa preta de caratê, ela está sempre envolvida em competições pelo país afora.

Mais tarde perguntado pelo jornalista alemão sobre o segredo de tão duradoura união, ele afirmou: "Primeiro, porque ela poderia me dar o maior pau se eu saio da linha e segundo porque Dorothea é minha melhor amiga na face da Terra."

Pamela, uma jovem executiva da gravadora, anuncia que é chegada a hora de descermos ao estúdio.

O porão da casa mais parece uma área de lazer para garotos abastados: bar, mesa de sinuca, fliperama, telão de TV, um sofá, que imita o banco traseiro de um conversível, luzes de neon por todos os lados, pôsters de Elvis Presley, de James Dean e do filme *Jovem Demais Para Morrer* (devidamente autografados pelos atores). Enfim, ícones da cultura americana aonde quer que se olhe.

Dentro do estúdio de 32 canais, o engenheiro de som espera para mostrar o fruto dos últimos cinco meses de trabalho, realizado em grande parte ali mesmo, gravado e mixado nesse estúdio caseiro, sonho de todo e qualquer músico.

O disco abre com "Hey God!", seguida pelo que deverá ser o primeiro single "Something For The Pain". Nas palavras do próprio Jon: "Este é um disco como eu sei fazer, com muitas guitarras e com letras simples e pessoais."

Na verdade, *These Days* é um álbum cheio de baladas, algumas mais tristes do que outras. "Letting You Go", a outra "romanticona" da noite, foi composta para o filme que Bon Jovi estrelou ao lado de Whoopi Goldberg e Kathleen Turner, *Moonlight And Valentino*, que estréia no Brasil em agosto. Ele é o Valentino do título.

Com o final da audição é também chegado o momento, um tanto quanto constrangedor, dos papéis serem invertidos. Nós, os visitantes, somos questionados sobre o material que acabamos de ouvir. Jon está de volta ao estúdio e, sereno, faz piadas para quebrar o gelo, tipo: "Quem não gostou é melhor dizer que adorou porque senão vai arcar com a conta das bebidas e canapés."

Educadamente nos revezamos para dizer: "Muito bom", "*Cool*", "Parabéns"... esse tipo de coisa.

Estávamos prontos para inverter os papéis novamente, ligar nossos microfones e nos instalarmos nas confortáveis poltronas dos que fazem as perguntas.

E, como promessa é dívida, lá fomos para a outra sala para uma rápida entrevista coletiva. O jornalista da revista alemã *Stern* deu o tom perguntando de cara se Bon Jovi ainda acreditava no que ele vê na TV (referindo-se a uma celebre entrevista onde o cantor afirmara que acreditava em Reagan, quando ele aparecia na telinha em busca de votos).

"Eu, como a maioria dos americanos, acreditei por duas vezes nele. Mas isso foi em 80, na primeira vez que votei. Se você me perguntar se acredito hoje, eu te respondo que não, nada que venha de políticos tem a minha credibilidade hoje em dia, é tudo blá-blá-blá, o que eles querem é se dar bem, isso é tão evidente."

Faço minha primeira pergunta: "Você participou ontem à noite de um concerto no Carnegie Hall com Sting, Elton John, James Taylor, entre outros, em prol de uma fundação para a preservação da floresta amazônica. Você acha que ações como essa podem resolver o problema?"

"Não sei até que ponto esse tipo de evento pode interromper a destruição da floresta, mas isso é o melhor que posso fazer. Talvez não resolva, mas deve ajudar. Logo não teremos mais ar puro para respirar e ninguem vive sem respirar (sic!)."

Jon Bon Jovi e seus incontáveis discos de ouro e platina, no porão de sua casa

"Daqui a dez anos quero estar fazendo discos, filmes, viajando de moto, vendo meus filhos crescerem e... dando entrevistas como essa à meia-noite"

Tento garantir um futuro para os meus."

A jornalista japonesa resolve pisar num terreno mais delicado: "Como você encara o fato de, durante um certo período, seu grupo ter sido considerado esgotado e agora, depois da coletanea *Crossroads*, aparentemente ter se reerguido?"

"Sempre existem momentos difíceis, mas isso foi há muito tempo. Realmente não dou a mínima para os 'tapinhas nas costas', nem para os golpes traiçoeiros. Você aprende a lidar com esse tipo de coisa, o que me interessa é fazer musica que me dê prazer, o resto é o resto."

Bon Jovi vendeu 56 milhões de discos em 12 anos de carreira. *Crossroads* está na casa dos 12 milhões. Nada mal. São números que falam por si, mas revelam um problema: a banda vende mais no exterior do que no mercado americano onde enfrenta problemas até para entrar na MTV. Isto incomoda Jon Bon Jovi?

"Claro que seria muito mais fácil se não gostassem de mim na França, por exemplo, mas me adorassem em meu bairro. Mas isso está mudando também mesmo aqui, agora somos considerados a banda que sobreviveu. O que eu quero agora é realizar uma turnê inesquecível, me divertir muito... Tenho certeza de que ela será maravilhosa, temos um palco genial, com telões como os dos Rolling Stones, um bar e mil outras surpresas. Estou ansioso para tocar novamente no Brasil, onde o show do ano passado foi muito bom. O publico é muito louco, como já haviam me prevenido."

Quando o assunto é sua banda, Jon revela a mecânica que dita sua liderança.

"Este álbum é muito mais espontâneo. A maior parte dele foi feita aqui no porão da minha casa; espero que ele seja fruto de meu amadurecimento como artista. Nós trabalhamos seis dias por semana, às vezes até 16 horas por dia, durante quatro meses. Foi exaustivo física e mentalmente... Desde o começo nós tentamos estabelecer que não haveria disputas de ego ou comodismo de ninguém. Se, por exemplo, eu chegasse para o Richie (*Sambora, guitarrista*) e dissesse para ele: 'Esta guitarra não está boa o suficiente', ele não me responderia: 'É o melhor que dá para ficar'."

Já é quase meia-noite, alguns espaços entre as respostas e as perguntas se fazem maiores. E quando Pamela intervém novamente: "Gente, está ficando tarde, precisamos deixá-lo dormir, porque amanhã as crianças o tiram da cama às 6h30 da manhã, e nós ainda temos uma hora pela frente até Nova York. Se alguém tiver alguma ultima questão..."

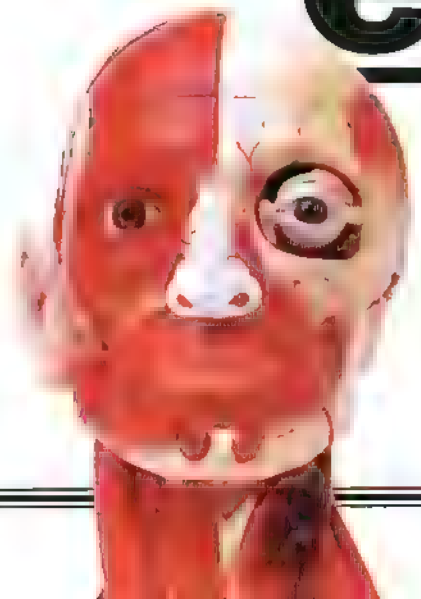
Como você definiria o individuo Jon Bon Jovi? E, indo mais longe, onde e como você se vê daqui a dez anos?"

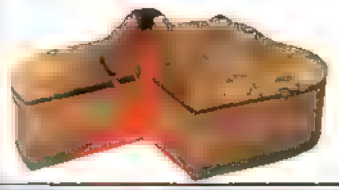
Nosso cowboy não perde a pose *cool* sem se excitar com tamanha oportunidade para se esbaldar. O cara continua falando lentamente:

"Um cara que ama o que faz. Daqui a dez anos quero estar fazendo discos, excursionando, fazendo filmes, viajando de moto, vendo meus filhos crescerem e até dando entrevistas à meia-noite para jornalistas de diferentes partes do mundo... Exatamente aqui em Nova Jersey, mas não nesta casa, com certeza, pois a estou vendendo. Se vocês estiverem interessados... O porão pode ser usado como abrigo anti-aéreo."

Alguém aí já pensou em morar em Nova Jersey? ■

Como transformar um curioso num expert em apenas 16 semanas.





Dicionário Visual do JT.

Uma obra ricamente ilustrada, indispensável na educação dos seus filhos.

32 fascículos em apenas 16 semanas, totalmente coloridos.

+ de 1.400 páginas impressas com acabamento nobre com ILUSTRAÇÕES do CORPO HUMANO, das PLANTAS do PLANETA TERRA e do REINO ANIMAL.

CAPA DURA TIPO ARQUIVO nas bancas

POR APENAS R$ 0,00

Não precisa encadernar. Fascículos todas as TERÇAS E SEXTAS no seu JT.

Continue sua coleção.

ABN-AMRO Bank
O Banco Holandês

Hudson

jornal da tarde

REVOLUÇÃO SILENCIOSA

A febre está no ar. Ídolos de todo tipo estão deixando de lado as superproduções dos megashows e abraçando a simplicidade do esquema "banquinho e violão". O responsável por essa história é o programa *Unplugged*, lançado pela MTV, no final de 89

Na virada dos anos 90, o público de todo planeta assistiu ao apogeu da era dos megashows. U2, Pink Floyd, Madonna, Michael Jackson, Peter Gabriel e Rolling Stones transformaram a música em apenas mais um elemento de espetáculos multimídia. Eventos gigantescos passaram pelos quatro cantos do mundo, numa celebração embalada por cinema, animação, pirotecnia e uma infinidade de artefatos tecnológicos.

A overdose de efeitos não tardou a mostrar a maior das suas deficiências: cada vez mais longe do público (física e espiritualmente), os *popstars* criaram uma verdadeira redoma em torno de si. Não havia mais a troca de vibrações entre público e músico – um ser alçado à condição de semi-deus.

Em outubro de 89, uma resposta à ditadura dos megashows foi dada pela MTV americana. Nascia o programa *Unplugged*, o responsável pela maior reviravolta assistida pelo mundo da música pop, nos últimos tempos.

O segredo por trás do sucesso do formato "banquinho e violão" está no resgate da intimidade e cumplicidade perdidas no processo de consolidação dos megashows.

Seguindo a cartilha do *Unplugged*, astros e público mergulham numa viagem de volta à era hippie. Um tempo em que dez entre dez *popstars* apresentavam-se com seus violões literalmente rodeados por seus súditos (alguém aí se lembrou da bossa nova?).

Aí está o "truque de mestre" do programa: qualquer artista tem a chance de voltar às raízes de seu som, ao mesmo tempo em que os fãs vivem a intimidade do ídolo em seu habitat natural, o palco.

Usando esses artifícios de forma primorosa, o programa da MTV revelou uma verdadeira mina de ouro – hoje também explorada pelas filiais da emissora em todo o mundo, inclusive a MTV Brasil.

O maior responsável pela consagração do *Unplugged* é Eric Clapton. O velho *bluesman* inglês deu o toque final à fórmula milionária: pegue um grande nome da música pop (às vezes, nem tão grande assim!), deixe-o apenas com instrumentos básicos na mão (como piano, baixo acústico, violão, bateria...) e faça a música rolar como nos primórdios do rock'n'roll. Como nos tempos em que a alta tecnologia com a qual estamos acostumados, em qualquer show de rock que se preze era coisa de ficção científica. Mas voltemos ao princípio.

Eric Clapton é o maior responsável pela consagração mundial do *Unplugged*. Seu especial foi o chamariz que faltava para que os *popstars* de todo o planeta entrassem na onda

A idéia inicial do produtor Alex Coletti era reunir diversos músicos para *jam sessions* (as famosas reuniões de improvisação), onde apenas a música era o fator aglutinador. "Naqueles tempos (em 89) existia a intenção de apenas deixar rolar. Não estávamos tentando levantar a carreira de ninguém, só havia a música", conta Coletti em texto incluído no encarte da coletânea *The Unplugged Collection*.

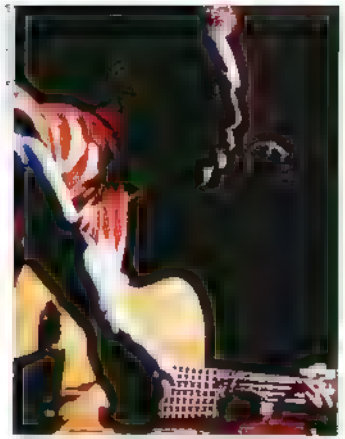
Desde então muita coisa mudou. O grau de prestígio dos convidados cresceu em progressão geométrica e de repente, o programa virou sinônimo de sucesso. Hoje, sua arena é um dos mais nobres e disputados palcos da música pop.

Os primeiros sinais de sucesso pintaram em 91, quando Sinéad O'Connor e R.E.M. deram o ar de suas graças. Contudo, a grande virada se deu no ano seguinte, quando o já citado Eric Clapton gravou o seu histórico programa – lançado posteriormente em disco e vídeo.

Para se ter uma idéia da importância da participação de Clapton, basta ouvir o que Coletti tem a dizer a respeito: "Depois da última música do show, todos nós nos encontramos no *backstage*. Quando eu comecei a me acalmar, senti um braço sobre meu ombro e ouvi alguém conversando comigo animadamente. Era Clapton. Sem o sucesso do disco gravado no programa dele, nada disso estaria como está hoje."

Depois da apresentação de Clapton veio uma sucessão de erros e acertos. O maior mérito conquistado está na lista de *popstars* que já embarcaram na onda. Ela inclui nomes como Sting, Paul McCartney, Neil Young, Elton John, Rod Stewart, Pearl Jam, Hole, The Cranberries, Björk e a caipira-sensação Sheryl Crow – para ficarmos só nos medalhões.

Contudo, alguns tiros passaram longe do alvo. Afinal, nenhum ser humano em sã consciência foi capaz de engolir um *Unplugged* do Bon Jovi, onde guitarras e baixos elétricos ocuparam espaços reservados a



Gil: prestes a ganhar um disco de platina

instrumentos acústicos. O porquê dessa traição aos princípios básicos do programa (ocorrida no caso Bon Jovi) é uma incógnita até hoje

A MTV estreou a versão nacional do *Unplugged* – batizada de *Acústico* – em 91, com o Barão Vermelho. Depois vieram João Bosco, Legião Urbana, Seal (que gravou o programa entre os shows do Hollywood Rock 92) e Gilberto Gil.

"A intenção da MTV Brasil é produzir de quatro a seis *Acústicos* em 95", revela o diretor de programação e produção da emissora, André Vaisman. A lista de nomes escolhidos para a nova safra de programas é quase um segredo de Estado, nos corredores da MTV Brasil. "O que podemos dizer é que adoraríamos fazer programas com Roberto Carlos, Paralamas, Titãs, Caetano Veloso, Raimundos e Sepultura", diz Vaisman.

Se depender dos frutos colhidos pelos *Acústicos* brasileiros colocados no mercado fonográfico, nenhum dos artistas citados pela direção da emissora tem motivos para recusar um possível convite da MTV.

Até agora, dois programas foram transportados integralmente para o disco – isso sem contar as canções da Legião Urbana incluídas no álbum duplo *Música Para Acampamentos*. O pontapé inicial foi dado por João Bosco, que vendeu pouco mais de 70 mil cópias do seu ótimo *Acústico*.

Contudo, o maior êxito da série brasileira foi obtido por Gilberto Gil. O programa gravado pelo pai da Tropicália está prestes a alcançar a marca das 250 mil cópias vendidas, o que pode lhe garantir um disco de platina – algo que não acontecia há, pelo menos, uma década.

Gil faz questão de deixar clara sua satisfação com o projeto: "O *Acústico* revela o lado mais introspectivo de músicos que são conhecidos de outra forma – e isto pode ser surpreendente. Talvez a grande importância dessa minha participação na série *Unplugged* seja a abertura que ela dará para outros brasileiros. O resultado deu muito certo e foi prazeroso", diz o compositor.

Sheryl Crow não perdeu tempo e já gravou o seu

No Brasil ou nos Estados Unidos, o futuro do programa está garantido. Cada vez mais, dinossauros de todo o planeta e artistas em ascensão devem se render à suavidade do *Unplugged*.

Para se ter uma idéia do prestígio alcançado pelo programa, o último *megastar* a gravar o seu foi ninguém menos do que Bob Dylan – cujo álbum está chegando às lojas de todo planeta.

Certamente, o autor de "Mr. Tambourine Man" deve engrossar em muitos milhões as vendagens de seus discos. Ironicamente, os dois últimos álbuns de Dylan eram totalmente acústicos e não venderam praticamente nada, se comparados aos *Unpluggeds* do Nirvana (três milhões) e do grupo The Eagles (quatro milhões, até maio).

Essa contradição resume o poder de fogo do programa. Se até mesmo um dos maiores contestadores da história do rock embarcou na onda, o que dizer de grupos ávidos pela fama? ■

20 LITROS MAIS TIM MAIA MAS O MAGRO LARGA A BEBIDA NÃO PERDE BRILHO

Sete e meia da manhã. Aquela que, com brilhante grossura, nosso querido treinador Zagalo chama de "a hora do mau-hálito". Pois bem, foi nesse inusitado fuso que encontramos Tim Maia no flat paulistano onde a Continental o hospedou para promover seu novo disco, *Nova Era Glacial*. "Sem furo?" "Sem furo." Assim ficou acertado entre jornalista e gravadora. E, para espanto geral, assim aconteceu.

Animado, de bermuda e camisão de malha, Tim Maia desprezou o café da manhã servido à sua frente para falar da nova vida de abstemio e vovô. "Estou com 52 anos, totalmente só, sem namorada, numa de trabalhar e de curtir minha netinha", avisa mandando para a Rodesia a fama de gordodão. A comida só o desconcentrou em um único momento. "Isto daqui é um pudim, né? Tem gente que se amarra", mandou, com o habitual esculacho.

Caretinha, Tim não perde uma piada mas mantém o controle. Já estava de pé desde as cinco. "Houve época em que eu não dormia, né?", pisca o olho, rindo. "Mas voltei a acordar cedo porque parei de beber, cara. Hoje eu fiz uma música às 5h15, chama-se "A Manteiga Não Está Com Nada" prossegue. E desata o vozeirão

POR: PEDRO SÓ FOTO: CÉLIA SAITO

"EU NÃO POSSO MAIS BEBER, O FÍGADO SIMPLESMENTE NÃO ACEITA. AGORA A VOZ MELHOROU E O DESEMPENHO SEXUAL TAMBÉM"

A manteiga não está com nada/E o açúcar também/O negócio é fruta fresca/Caminhar e malhar se convém" A composição vem acompanhada de nota explicativa: "Serve também pra A maconha não está com nada/E a brizola também" Qualquer coisa que não tá com nada cê pode por na música. Se o nome da mina é Marinalva "Marinalva não tá com nada/E a Valeria também "

Tanta alegria matinal parece coisa de comercial de sucrilhos mas tem motivo: Tim se separou da birita Inchei tanto que não conseguia dormir. Fiquei três meses sem dormir Não me arrependo de nada na vida mas a gente tem que reconhecer: pra mim não foi bom. Agora não posso mais beber, o fígado simplesmente não aceita. Entre as coisas que dizem que é pra ficar legal, o álcool é das mais prejudiciais. O ocidental é tão babaca, estúpido, otário, que brinda tudo com álcool. Fernando Henrique (*Cardoso*) visitou o Clinton, foram logo abrindo champanhe. Onde eles iam, tinha goro. Cê vê que exemplo dois presidentes se encontram e a primeira coisa que fazem é tomar umazinha. Agora, se um jovem der um tapinha num *bauretz* na rua, é imediatamente preso e condenado", brada

O Tim careta diz que se sente vinte vezes melhor agora e não perde a viagem na hora de contabilizar os ganhos da nova fase A voz melhorou e o desempenho sexual também. O pau tá mais duro, mais ereto. O álcool queima as cordas vocais, queima tudo. Até as vias anais. O que dá de rebordosa no ânus quando você bebe não tá no gibi " Ninguém aqui vai ser tolinho de achar que, com tanto humor escatológico, nosso herói não está destilando um certo cinismo. Tim não virou santo de um dia para o outro. Ele próprio se encarrega de confessar uma recaída, "Recentemente, em Florianópolis, não deu para mim. O cara me apresentou um gorozinho, eu tomei, fiquei doidão", o repórter quer saber se rolou um W O Não fiz o show. Bem doidão, mas fiz Sempre fui doidão, mas sendo responsável" fraseia brilhante

E eis que adentra o apê a fotógrafa Célia Saito, alguns quilinhos acima do peso. "Cê também come dois pratos, né?", sauda Tim, cumplice. Mas a simpatia aos poucos se dilui em frases que ele repete em todas as entrevistas. Bordão um. "Num país onde puta goza, traficante cheira e cafetão sente ciume, não existe técnico de som." Dois. "O Brasil é o país onde existe mais jabaculê no mundo." Três "Precisamos ter universidade para pretos, universidade afro-brasileira Da vontade de fazer que nem ele e pedir mais retorno

Com um tequinho de paciência porém, chegamos logo a temas palpitantes. Como por exemplo Roberto Carlos, hora de pegar pesado Aturei muito ele quando veio de Cachoeiro (*do Itapemim, no Espírito Santo*) pro Rio. Comeu muito de graça na pensão do meu pai. Muito bife muita banana amassada que ele misturava na comida. Não gosto do Roberto Carlos de jeito nenhum. Nem dele, nem do trabalho dele É um babaca, muito demagogo, muito mentiroso "

Outro tema interessante? A estadia de Tim nos Estados Unidos de 1959 a 1964 "Morava em Westchester Nova York. Fui enfermeiro num asilo de velhinhos, lavador de pratos, todos os empregos "sub Gravei um disco com um grupo, The Ideals, depois fui deportado. Eu não gosto de falar nisso porque toda vez que sai publicado bate no Consulado Americano e me prejudica", conta, se segurando. Tim dançou por causa de miseros baseados e conheceu por dentro as prisões americanas. Para mudar de assunto, ele brilhantemente puxa revelações picantes sobre suas peripécias de então: "Fui pra lá com 16 anos Inclusive fiz sexo oral com uma pretinha, ela contou pra todo mundo e isto me rendeu sexo oral com mais quatro pretinhas. O preto americano não faz sexo oral Elas iam todas no teto comigo "

Ciente do que disse, ele faz o tipo pudico perguntando para a fotógrafa Célia: "Que idade você tem? "Trinta " "Então não tem problema, já fez muito sexo oral Depois de bater, assopra: "Você não tem cara de trinta anos É que nem aqueles fuscas que não saíram muito da garagem". Isto é Sebastião Rodrigues Maia, um avô coruja que passa tardes filmando a netinha em vídeo Lá em casa não pia Tim nem a pau Tião pra cá, Tião pra lá De vez em quando um Tiãozinho", conta Ao fazer uma lista de amigos, ele lembra primeiro da cadela Caleche uma afghan de 14 anos, e fica subitamente emocionado: "Agora mesmo perdi o Brada, um rotweiler

Sebastião está de saco cheio da MTV. "Só porque o cara é doidão e sabe andar de skate vira artista. E a gente matando a cabeça com do-mi-sol-ré-fa-la, fá em diminuta, quinta aumentada ..." Sebastião gosta de ouvir Jon Secada e Mariah Carey "Escutando Jon Secada, me animei. Mesmo com um pouco de sotaque, ele estourou. Eu bem que podia me internacionalizar", imagina. Se Tim Maia ainda sonha com essas coisas? "Rapaz, eu tenho 52 anos, mas tenho vontade de ter filhos, de emagrecer, de aprender a nadar, de andar a cavalo... Só de dar o lordo é que não", responde fazendo questão de colar uma baixaria na frase bonita O título de *Nova Era Glacial* era para ter sido *Tim Maia Do Brasil* Mas Tim dobrou Sebastião com um raciocínio muito esperto e muito brasileiro: "Pataka é do Brasil Castor de Andrade também é do Brasil Isso não quer dizer nada." ■

EXISTEM VÁRIAS MANEIRAS DE SE EXERCITAR.

Você, que está sempre em atividade, sabe que é indispensável repor tudo o que perdeu na transpiração. E quando a sede chega, já é um sinal de que seu corpo precisa se reidratar. Só Gatorade repõe líquidos, sais minerais e é absorvido 30% mais rápido que a água Gatorade é bebido por atletas dos principais times de basquete, vôlei e futebol do mundo inteiro. Beba Gatorade antes, durante e depois das atividades físicas. Você já sabe, a maneira certa de se hidratar e de matar a sede é Gatorade
Gatorade
Dá um banho na sede.

Gatorade
Frutas Cítricas

Lançamentos

VALE O QUANTO PESA

Pode espalhar pra moçada: este primeiro disco do Planet Hemp já entrou para a história do rock brasileiro. Estamos diante do primeiro álbum composto e gravado no país com o objetivo único de levantar a bandeira da legalização do uso da maconha no Brasil.

Se você não fala inglês, basta dizer que a tradução do nome da banda é literalmente "planeta cânhamo", ou seja, "planeta maconha". É exatamente nessa dedicação total à luta pela erva escondem-se as duas facetas de *Usuário*. Comecemos pelo lado bom da história.

O Planet Hemp é um dos grupos mais empolgantes dos últimos anos. De forma quase perfeita, ele mistura hardcore, rap, raggamuffin e funk – cantados no mais legítimo dialeto "carioquês" – e conquista de cara qualquer fã de rock com um mínimo de ginga na cintura.

A poderosa música de Rafael (guitarra), Formigão (baixo), Bacalhau (bateria), Marcelo DZ e B Negão (vocais) ganha cores ainda mais fortes no disco. De quebra, há as participações especiais de Marcos Suzano – um dos maiores percussionistas do país – e do ótimo DJ Rodrigues, responsável por *scratches* perfeitos, encaixados nos momentos exatos.

PLANET HEMP

Sony Chaos

Usuário

Não por acaso, vinhetas instrumentais marcam presença. Elas são "Speed Funk", a música-tema "Planet Hemp" e "Skunk" – homenagem ao vocalista Luís "Skunk" Antônio, morto no ano passado. Quem tiver paciência e esperar seis minutos depois do final do disco ainda vai descobrir mais uma vinheta, "Beatnik".

Agora, o problema: *Usuário* é um grande disco, mas não há Cristo que aguente a ladainha interminável sobre a *cannabis* cometida pelo quinteto – revelado durante o já tradicional festival Superdemo, em sua edição de 92 –, devidamente acompanhada de fortes doses de repulsa à polícia e seus "Porcos Fardados" (título de uma das canções do álbum).

Tudo bem, a apologia à maconha é muito bem resolvida em canções como "Não Compre Plante" ("O tráfico mata por dia mais ou menos uns seis! Faça as contas 'mermão', quantos morrem por mês?"), "Legalize já" ("Legalize já. Porque uma erva natural não pode te prejudicar") e "Phunky Buddha" ("Tabaco ou maconha, pergunte ao médico qual faz mal. E então pergunte ao deputado porque é ilegal"). Se o papo parasse por aí, já estava de bom tamanho.

Já quando deixa a *ganja* um pouco de lado, o Planet Hemp acerta a mão, como nas ótimas "Deisdazseis" e "Muthafuckin' Racists".

Enfim, eis aqui a bela estreia de uma banda talentosíssima que ainda vai dar muito o que falar. No momento em que nossa sociedade coloca em xeque o velho mito da maconha, nada mais oportuno poderia rolar no surrado mundinho do rock brasileiro. ■ HÉLIO GOMES

Prazer pet jetra jte

TERENCE TRENT D'ARBY

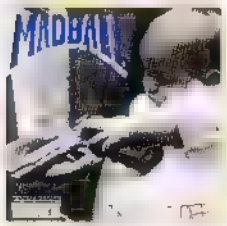
Columbia/Sony Music

Terence Trent D'Arby's Vibrator

Sete anos se passaram desde que Terence Trent D'Arby se auto-proclamou genio. O cara tinha tudo para se dar bem: uma voz soul impecável, é um virtuoso em vários instrumentos, muito sex-appeal e um ótimo álbum de estréia, (*Introducing The Hardline According To Terence Trent D'Arby*. Mas o garoto não correspondeu às expectativas alheias e sofreu malhação atrás de malhação de boa parte da critica. Agora, TTD volta com seu quarto álbum. Loiro, sem as longas madeixas e com a coragem de posar com uma asa de anjo na capa do CD, faz uma tentativa de dar a volta por cima mudando radicalmente de visua, e de estilo. *Terence Trent D'Arbys Vibrator* é um disco que surpreende: apesar de não dispensar o soul, cai de boca no rock'n roll anos 70 com vocais gritados e muito solo de guitarra.

O "genrozinho" se dá bem, em faixas como "Super Model Sandwich" (em duas versões, também presente na trilha do filme *Prêt-À-Porter* de Robert Altman), "Read My Lips (I Dig Your Scene)" – com uma boa base funk e vocais "etéreos" –, "We Don't Have That Much" (a melhor do disco, uma baladona bacana que faz uma ótima mistura de jazz e salsa), "Ressurection" e "If You Go Before Me" (onde até dá para imaginar o cantor todo lânguido, deitado sobre um piano de cauda). Num ataque de ego e pretensão, típico dos que se autodenominam gênios, TTD faz questão de tocar quase todos os instrumentos (guitarra, baixo, teclados, percussão e bateria!!!) na maioria das faixas e não decepciona.

Se só isso não bastasse, o "louro" também produziu e arranjou todas as musicas. Tudo bem, gênio ele não é, mas que TTD tenha finalmente sua chance de provar que não é um "sub-Prince" e nem um "sub-Lenny Kravitz". É o Terêncio! *Cláudia Greghi*



MADBALL

Roadrunner

Set It Off

O Madball já foi um projeto paralelo de alguns dos integrantes da classica banda hardcore nova-iorquina, Agnostic Front. *Set It Off* contém material de 8 buns antigos, musicas inedi tas com um som hardcore e letras que falam sobre a vida e a violencia em Nova York. O disco é uma porrada só, punk com peso de metal (principalmente no tomdas guitarras). "Get Out" é a música mais rápida do disco e tem um vocal agressivo e passagens pelo *grindcore*. Outra musica do caralho não tem nome e nem créditos. Trata-se de uma agradável surpresa escondida no final do disco, um dos melhores lançamentos para quem gosta de uma pauiada de primeira. *Patricia Renda*

THE HUMAN LEAGUE

Eastwest/Continental

Octopus

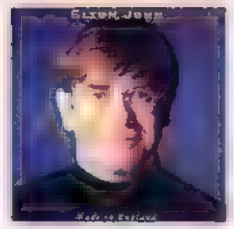
Seria inconcebivel imaginar um dos grupos pioneiros do tecnopop britânico fazendo um *revival* de seus anos áureos? Voltar pelo menos quinze anos no tempo (o que na musica eletrônica significa séculos) querendo soar modernos, mesmo estando cinco anos atrasadas?

Mas há um certo sentido em tudo isso, considerando que a Inglaterra já estava armando um novo revival, o da *new wave of the synth pop* (algo como a nova onda do pop sintetizado). E por que não, já que a musica eletrônica de hoje não dispensa um moog (teclado popular nos anos 70) à moda antiga?

Atualmente restrito à inconfundivel voz de Phillip Oakey e de suas asseclas Susan Sulley e Joanne Catherall, o Human League foi em busca dos teclados perdidos, utilizados em canções como "These Are The Days", "One Man In My Heart" e "Words", que poderiam estar entre o repertório de *Travelogue* (80).

Infelizmente *Octopus* lançado quatro anos depois do decepcionante *Romantic?* – que Oakey considera melhor do que muitos trabalhos anteriores do grupo –, não traz nenhum hit do impacto de "Don't You Want Me", "Fascination" ou "Being Boiled". Apesar de ter um produtor de sucesso – Ian Stanley, o mesmo de Tears For Fears e Pretenders –, o album vale apenas para mostrar como a "liga humana" foi moderna. E olha que isso foi ha muito tempo. *Luis A. Pecora*

Hau! Oba! Epa! Ops! Argh! CD Vinil Cassete N Nacional I Importado



ELTON JOHN

Rocket, PolyGram

Made In England

Elton John se livrou das drogas e finalmente assumiu o homossexualismo que tentou esconder dos fãs durante anos. De quebra, ainda faturou milhões e um Oscar com a trilha de *O Rei Leão*. *Made in England*, seu novo disco, bota mais lenha nessa fogueira, e não deixará nenhum fã com cara de bolacha Maria. É pop rock decente feito por quem sempre foi do ramo.

Não espere invencionices ou flertes inovadores em *Made in England*. O que Reg Dwight nos oferece é uma boa safra de baladas ganchudas e bem construidas, com alguns rocks e ba anços bons de se ouvir no meio. Se não há novidades, tambem estamos longe da falta de inspiração que atingiu "ta" Elton no final dos anos 70 e boa parte dos 80. "Believe", "Pain", "Belfast" e a faixa-título são boas d cas de um disco simples e eficiente. *Fabian Chacur*

BROWNSTONE

Epic Sony Music

From The Bottom Up

Quando crescerem, Maxee Mimi e Nicci vão querer soar como o En Vogue. *From The Bottom Up* é cheio de baladas com referências ao soul e R & B. O que as distancia do referido grupo acima? A falta de produção e atitude. *From...* foi lançado por um selo de propriedade de Michael Jackson e alcançou vendas consideráveis. Pena que em nenhum momento essas garotas saiam das baladas. Uma olhada ao redor talvez as melhore. *Lourival C. S. Junior*

TANITA TIKARAM

Eastwest/ Continental

Lovers In The City

A cantora Tanika Tikaram traz a gumas prozezas em sua bagagem. *Ancient Heart*, seu disco de estréia, fez enorme sucesso há sete anos chegando a vender mais de quatro milhões de copias. E, apesar de seus trabalhos posteriores não terem feito nem sombra ao primeiro, ela consegue lançar *Lovers In The City*, mantendo a qua idade de produção. Além disso, Tanita Tikaram continua sua peregrinação intimista, solitária, sem fazer concessões. O que não é pouco para quem tem apenas 25 anos.

O seu novo álbum durou dois anos para ser produzido, durante umas "ferias" que a cantora tirou para produzir novas canções. Co-produzido por Thomas Newman (o autor das trilhas de *Tomates Verdes Fritos* e *Perfume De Mulher*), *Lovers In The City* só deve agradar a fãs incondicionais de Tanita Tikaram.

O disco inteiro é lento e as letras, antes de uma confusão colegial, passaram agora para o tipo "cabeça" universitário. Os arranjos são bem feitos e relativamente caros, já que praticamente só usam instrumentação acustica, alem de uma boa seção de cordas na maior parte das canções. Se for ouvido com a ordem das musicas invertida, *Lovers In The City* fica melhor. "Leaving The Party" e "Women Who Cheat On The Wor d", última e penultima musicas, são as melhores. *Edgard Reymann*

Independência feminina

TACIANA

Natasha

Janela Dos Sonhos

DAÚDE

Natasha

Daude

Bons musicos, convidados de primeira e bom repertório não garantem um bom disco. Veja os casos de Taciana e Daúde, ambas lançando discos pelo selo carioca Natasha Records. Em *Janela Dos Sonhos*, Taciana conta com o "little help" de muitos – e bons – amigos: o tecladista e produtor Mitar Subotic, o guitarrista Fabio Golfetti, o trombonista Bocato e o percussionista João Parahyba. Tanta gente e experiência juntos não foram suficientes para garantir um disco vibrante. O disco acabou se transformando em um trabalho amadurecido, que passou do ponto.

Em Daude, o que pesou foi a ansiedade. Com um repertório assinado por Caetano Veloso ("Objeto Não Identificado"), Jorge Ben Jor ("Chove Chuva"), entre outros, Daúde conseguiu um disco razoável. A melhor coisa do álbum é o mestre da embolada Miguel Bezerra, na faixa "Quatro Meninas" (que tem um arranjo super ok, diga-se). Lancem um disco com o Miguel Bezerra, já. *Jeferson De Souza*

MANOS ANIMAIS

A banda de Seattle volta com um álbum misturando punk rocks e ruídos

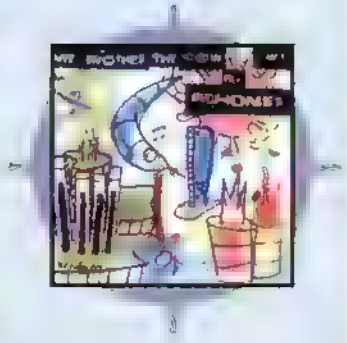
MUDHONEY

Warner

My Brother, My Cow

Como bem sabem Vicente Matheus e Peppino di Capri, a vida é como uma faca de dois legumes. Sem Mudhoney não teria existido onda de Seattle, nem Nirvana nem *Nevermind*. Em compensação, se o quarteto não houvesse gravado a obra-prima "Touch Me, I'm Sick" e colocado a gravadora Sub Pop no mapa, o mundo teria sido poupado de náuseas como *Vitalogy*, do Pearl Jam.

Pois bem: o quinto álbum do Mudhoney tem 40 minutos de música, com linhas de baixo obsessivas e os espasmódicos *riffs* distorcidões de sempre. Há também 33 inaudíveis minutos (condensados numa faixa) de fita rodada ao contrário, ruídos e transgressões pueris. Nos quarenta minutos para valer do disco, há apenas dois punk rocks realmente matadores: "Into Your Shtick" e "Fearless Doctor Killers". Você pode estar imaginando que é muita cenoura para seu Mário Gomes, mas na hora vai achar torto. De virar cambota e o escambau (*leia mais sobre o Mudhoney no* Showbizz). PEDRO SÓ



VÁRIOS

Eastwest/ Continental

Encomium – A Tribute To Led Zeppelin

Encomium, um tributo ao Led Zeppelin, perde de mil para os originais. O elenco é de terceira categoria e as versões são abaixo de desinspiradas, em grande parte, quando não absolutamente ridículas (o "Thank You" do Duran Duran, o gritadíssimo "Misty Mountain Hop" do 4 Non Blondes e o erradíssimo "Going to California" do pouco-conhecido Never The Bride).

Neguinho esquece que o Led Zeppelin, por mais hilário que conseguisse ser, tinha um mistério e uma dinâmica especialíssimos. O próprio Robert Plant perde o rumo num dueto com a insuportável Tori Amos em "Down By The Seaside" chegando perto do embaraçoso. As exceções são o Cracker (um "Good Times Bad Times" punkificado) e o Big Head Todd And The Monsters ("Tangerine"). Se você estiver mesmo afim de um ótimo disco em tributo ao Led Zeppelin, o melhor ainda é *No Quarter*, a volta de Page e Plant às boas.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

RADIOHEAD

Parlophone/EMI-Odeon

The Bends

Houve um tempo em que o Radiohead se chamava On A Friday. Isto foi bem antes deles estourarem nos Estados Unidos com a canção "Creep", enquanto seus conterrâneos da imprensa inglesa continuavam insistindo em incensar o Suede. Parece que a crítica britânica mudou de opinião rapidamente, já que tem considerado *The Bends* desde já um dos melhores discos do ano.

Exageros à parte, é certo que o segundo disco do Radiohead mostra uma evolução se comparado ao anterior, *Pablo Honey* (93). *The Bends* é homogêneo em suas 12 faixas. As guitarras de Jon Greenwood passeiam entre a melancolia e a esquizofrenia e as letras de Thom York (vocais/guitarra) não ficam atrás.

Uma das características que mais chama a atenção no disco, é o jeitão U2 de algumas canções – em particular "Planet Telex", "High & Dry" e "Fake Plastic Trees", que, aliás, ficam entre as mais legais. Há quem ache que isso é uma virtude e tem quem pense que é um defeito. Depende do gosto. Já faixas como "My Iron Lung", "Bullet Proof... I Wish I Was" e "Black Star" mostram que o Radiohead tem uma cara própria, ou pelo menos está caminhando para isso. Melhor é uma prova de que não é preciso apelar para a frescura para se fazer rock com poesia. Felizmente, Thom York não é Brett Anderson. JEFERSON DE SOUSA

BLUES TRAVELER

A&M/PolyGram

Four

Propulsionado pelo sopro maníaco de seu líder John Popper, um virtuoso da gaita cujos velocíssimos fluxos de notas impedem o ouvinte de distingui-las separadamente, mas apenas em blocos compactos, o grupo nova-iorquino Blues Traveler se posta hoje como herdeiro natural das inspiradas jams que fizeram a fama da Allman Brothers Band, nos anos 70.

Neste que é (obviamente) o quarto trabalho dos caras, essa conexão se escancara de vez graças às participações especiais do tecladista Chuck Leavell (ex-integrante da banda de Greg Allman de 72 a 75, diretor musical do *Unplugged* de Clapton e da turnê dos Stones) e do guitarrista Wayne Haynes (mestre do *slide* que ganhou o status de "brô" a partir do álbum Seven Turns), em cinco das 12 faixas do disco. Tudo isso, com a concisão e o entrosamento quase telepático que os integrantes demonstram em faixas como "Brother John", "Freedom" e "Look Around". ARTHUR G. COUTO DUARTE

NAS PISTAS DO BRASIL

Finalmente você poderá escutar o Orbital e um remix de Björk (em *Techno E Trance*, por José Roberto Mahr ☺), a criativa UFO (em *Acid Jazz*, pelo DJ Ambient 😐) ou até mesmo os sucessos mais manjados do volume *Garage* ☹, compilado pelo DJ Felipe Venâncio.

A dance music que assola as FMs mais convencionais via 2 Unlimited e Masterboy também tem seu espaço garantido no volume *Pop Dance* ☹. Os fãs que na época da discoteque ainda não tinham noção de coisa alguma, devem escutar o volume compilado por Don Lula, dedicado aos *flashbacks*. Kool & The Gang, KC & Sunshine Band e Thelma Houston são apenas alguns exemplos. Os saudosistas agradecem. ☺

A seleção de rap foi escolhida por Easy Nylon que recrutou alguns dos nomes prediletos das noites do eixo Rio-São Paulo, contando com Queen Latifah, Salt'N'Pepa e Ill All Skratch. ☺

O reggae e a world music ficaram por conta de Carlos Albuquerque, num repertório que inclui o mago Manu Dibango, Aswad e Barrington Levy, entre outras feras. ☺

Para fechar o pacote, o DJ Edinho compilou um volume básico entitulado *Dance Rock* com nomes ainda não lançados no Brasil, mas que já são conhecidos pelos mais antenados. Meat Puppets, Catherine Wheel e Paul Weller tornam esse item um dos mais peculiares. ☺

Mesmo com a provável falta de disponibilidade de nomes interessantes no cast, a dignidade das coletâneas pôde ser resgatada, mesmo que em parte. LUIZ A. PECORA

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 1 – Techno & Trance By J. Roberto Mahr

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 2 – Rap By Easy Nylon

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 3 – Garage By Felipe Venâncio

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 4 – Pop Dance By Ricardinho

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 5 – Acid Jazz By Ambient

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 6 – Dance Rock By Edinho

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 7 – Reggae & World Beat By Carlos Albuquerque

VÁRIOS

PolyGram

DJ Collection Vol. 8 – Flashback By Don Lula

"All-Stars" do rock alternativo

MIKE WATT

Columbia/Sony

Ball-Hog Or Tugboat?

O venerável baixista do Minutemen e do Firehose ainda tem assunto para 120° manifesto cínico sobre os tempos. *Ball-Hog Or Tugboat?* é o epítome fonográfico de tudo o que merece rótulo "anos 90" no rock americano. Nirvana, Beastie Boys, Sonic Youth, Red Hot Chili Peppers, Pearl Jam, pode ir contando, está todo mundo no disco.

A seleção é melhor que a de qualquer tributo, mas mantém o padrão de altos e baixos do gênero. O que é o cinismo equivocado. Vale por uma aula de "geração X", a inclusão da voz gravada de Kathleen Hanna, do Bikini Kill, falando merda sobre o convite de Mr. Watt para cantar na sua festinha de reunião de turma ("white rock fucking hall of shame"). É meio: "sou tão alternativo que já incluo no disco as críticas negativas". E olha que a gravação deve até ter sido armada. Cinismo meu? E o de Eddie Vedder, acompanhado por Dave Grohl e Krist Novoselic, puxando por um manifesto contra os anos 70? É o que a América chama de rebeldia, nos anos 90. *Marcel Plasse* ••

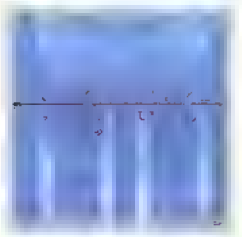
SHARA NELSON

Virgin/EMI-Odeon

What Silence Knows

Com um currículo invejável que inclui participações com US3, PM Dawn, St. Etienne e, principalmente, com o Massive Attack, a diva do "new british soul" Shara Nelson lança seu primeiro álbum solo em grande estilo.

A cantora arrasa com sua "soul voice" da primeira à última faixa sem escorregar em nenhuma, fazendo de *What Silence Knows* um disco que só não é perfeito porque em alguns momentos dá para sentir a falta da "estranheza" de suas composições com o Massive Attack. "One Goodbye In Ten" e "Inside Out" trazem o melhor do soul no estilo da fase áurea de Aretha Franklin, "Uptight", "Down That Road" e "How Close" são dançantes e, ao mesmo tempo, extremamente *cool* e sofisticadas. O grande mérito de suas composições parece ser exatamente essa habilidade em misturar o mais tradicional soul à modernidade em belíssimas canções de amor e solidão. A diva veio para ficar. *Claudia Grechi* ••



COLLECTIVE SOUL

Atlantic/Warner

Collective Soul

Na safra das novas bandas americanas o Collective Soul é, com certeza, uma das mais privilegiadas pela mídia, o que pode ser justificado pelo visual trabalhado e pelo sucesso obtido com *Hints, Allegations And Things Left Unsaid* que trazia o sucesso "Shine".

No segundo álbum eles vão mais a fundo na pesquisa de clichês, rendendo-se novamente às músicas pesadas que não são suficientes para incomodar os ouvidos de sua mãe. Parece que o Collective Soul vai agradar a família inteira. As modelos que estão a fim de dar um tapinha no visual e ficar com um look mais *wild* poderão se achar legais mas roqueiras ao som de "Gel" que, aliás, está incluída na trilha sonora de *Jerky Boys*. "Simple" e "Where The River Flows" podem até sugerir uma certa rebeldia e atitude, mas não se iluda. Quando a esmola é grande, o santo desconfia.

Se os Counting Crows não convenceram por muito tempo, então por que o Collective Soul haveria de fazê-lo? *Luis A. Pecora* ••

TERRORVISION

Virgin/EMI-Odeon

How To Make Friends And Influence People

Vinda de Bradford, o Terrorvision foi formado no início da década de 90 e logo em seguida assinou contrato com a EMI. Mas foi somente dois anos depois, em 1992, que eles lançaram o primeiro EP. Agora a banda tem dois EPs, um single e dois CDs gravados.

How To Make Friends And Influence People traz treze faixas que passeiam pelo rock e *surf music*. Pode-se dizer que o melhor deles, sem desmerecer o resto da banda, é a voz de Tony Wright. Ele a caracteriza em estilos completamente diferentes, do suave quando canta *surf music*, até soar agressivo no hard rock. Wright só erra quando tenta imitar Kurt Cobain no final da primeira faixa, "Alice What's The Matter".

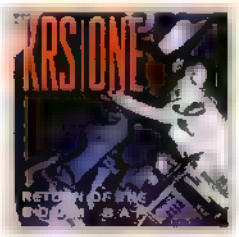
Destaques pelo hit "Oblivion", que leva o estilo Beach Boys até a última nota, e "Alice What's The Matter", onde os *riffs* de guitarra são pesadinhos, fazendo dela a música mais rock do disco. Vale a pena também destacar "What The Doctor Ordered", que é um jeitinho punk com guitarras e vocais rápidos e agressivos. O que estraga um pouco a composição de *How To Make Friends And Influence People* é a balada superpop "Some People Say", que é bem cansativa. O resto das músicas são boas, mas não têm o poder de fazer desse CD o melhor do mundo. *Patrícia Renda* ••

VARIOS

Roadrunner

Blue Night — Blues & Soul

Soul e blues vêm agitando noites paulistanas. Muitas casas têm aberto espaço para bandas que varam madrugadas tocando os mestres da música negra. Seis delas se uniram para fazer este CD: Banda Cara-De-Pau, Blues For Sale, Deep Blue, Expresso 2222, Orquestra Paulista De Soul e Travellin' Blues Band. Tocam Wilson Pickett ("Mustang Sally"), James Brown ("Papa's Got A Brand New Bag") e também B.B. King ("The Thrill Is Gone"). E até arriscam tímidas canções próprias. Ressaltar que as versões não chegam aos pés dos originais é dizer o óbvio. Mas é uma chance para neófitos ouvirem jóias do blues e do soul. *Paulo Cavalcanti*



KRS-ONE

Jive/BMG-Ariola

Return Of The Boom Bap

KRS-One é conhecido como o vocalista e líder do grupo Boogie Down Productions, mas talvez seja mais famoso por sua participação na música e no clip que o R.E.M. fez para "Radio Song", faixa que abria o álbum *Green* (89).

O cara é um *rapper* respeitado, que faz uma abordagem menos violenta e mais política em seus trabalhos.

No encarte desse *Return Of The Boom Bap*, KRS-One faz questão de explicar que o título "significa o retorno do rap de verdade e da batida realmente pesada". E pode acreditar: ele não está mentindo.

No disco não faltam faixas naquele estilo "berrado" que consagrou grupos como Onyx. A diferença é que KRS-One tem muito mais consistência em suas letras do que o badalado quarteto de *gangsta rap*.

Algumas das melhores músicas do álbum trazem uma clara influência do estilo jamaicano, uma espécie de *raggacore*. As letras, na sua maioria, seguem a pulsação raivosa. Nessa linha é que aparecem os grandes destaques, como "I Can't Wake Up", "Slap Them Up", "Uh, Oh" e a faixa que dá título ao disco.

Se o cara inova pouco dentro do estilo, pelo menos consegue mostrar, nesse seu trabalho mais recente, uma boa dose de competência e personalidade. Uma coisa que, muitas vezes, tem faltado na maioria dos lançamentos no universo do rap. *Jeferson De Sousa*

Desembesta, Genival!

GENIVAL LACERDA

Paradoxx

Forró Dance

Não sou muito fã de forró, nem de *dance music*, mas devo recomendar este disco para quem queira desopilar o fígado. Genival – se há alguém que o desconheça – é aquele forrozeiro pançudo e safado, que emplacou hits sacanérrimos nas rádios populares, como "Severina Xique-Xique" ("Ele tá de olho é na butique dela..."), "Radinho De Pilha" ("Ela deu o rádio/E não me disse nada ...") e – no ano passado – o "Rock Do Jegue" ("De quem é esse jegue?/Ele quer me morder...").

PhD em "trocadalhos do carilho" – se é que você me entende –, Lacerda associou-se aqui ao Dj Cuca, para fazer versões impagáveis de seus sucessos em ritmo de *dance music*. O "Jegue", por exemplo, aparece em três versões: "Dance Mix", "Reggae Mix" e "Cuca Mix") - a última com efeitos nos vocais de Genival, que podia passar como "etno dance" para algum *dubber* inglês.

O problema desse tipo de sarro é que, por mais que o disco seja divertido, ele acaba perdendo a graça depois de algumas audições. Algo que aflige toda a turma do "som quá-quá-quá" – do Premeditando O Breque ao pessoal da Casseta & Planeta. Mesmo assim, vale rachar o bico com a historinha do gato Tico ("Tico mia no colo/Tico mia no chão...") e do cachorrinho Kiko ("Kiko bonito/Kiko mimoso/Kiko peludo/Kiko cheiroso..."). *Celso Puco*

Ele & o jegue: forró, *dance music* e "trocadalhos do carilho"

PULSE. PINK FLOYD.

PULSE é o novo lançamento mundial do Pink Floyd, em CD duplo. Os grandes sucessos da maior banda de rock progressivo do mundo em novas versões gravadas ao vivo durante a última turnê. Você precisa ouvir o álbum "THE DARK SIDE OF THE MOON", além de "Wish you were here" e "Another brick in the wall", entre outras. Como se não bastasse a boa música, PULSE vem em embalagem importada. É o primeiro CD luminoso, onde uma luz vermelha pulsa o tempo todo. Mas essa é uma edição limitada. É bom correr, porque trata-se de Pink Floyd.

Sony Music

MC EIHT (FEATURING CMW)

Epic

We Come Strapped

A ladainha do *gangsta rap* continua: sexo, drogas, polícia, palavrões e dinheiro transformam este disco em apenas mais um, principalmente por se tratar de um ritmo muito direcionado. Além disso, se caímos no meio *gangsta*, WCS será apenas outro entre milhões. Apesar do marasmo, faixas como "Compton Cyco", "Nuthin' But High" e "Take 2 With Me" têm um balanço criativo (!) e até dão para chamar os *brothers* para dançar.

Aos que gostam do estilo propagado pelo *rapper* MC Eiht e seus asseclas, um recado: delete puro. *Lourival C.S. Junior*

METAL COM POSE

Bach *(à direita)*: cantando pior quando sai gritando

SKID ROW

Atlantic/Warner

Subhuman Race

Algumas bandas que definitivamente não têm jeito. O Skid Row é uma delas. Não há maneira desses caras acertarem. Começou ruim, provavelmente vai terminar ruim. Uma retrospectiva nos trabalhos do grupo é uma prova disso. Não saber se eles devem fazer um som mais pesado ou descambar normalmente para uma linha mais comercial é outro erro grave.

Sebastian Bach e seus comparsas tentam ser agressivos em alguns momentos, mas em outros deixam a baba escorrer. Conclusão: eles não conseguem se dar bem em nenhum dos dois casos. Nas músicas mais acessíveis, a banda quase acerta, mas quando decidem ficar mais pesados a situação fica crítica. O vocal babinha de Bach, que cai como uma luva para gosto do mesmo público que curte Roxette (sem nenhum preconceito), claramente soa ridículo sob *riffs* distorcidos. Piora quando ele resolve sair gritando. *Robert Halfoun*

Fé no barulho

BAD RELIGION

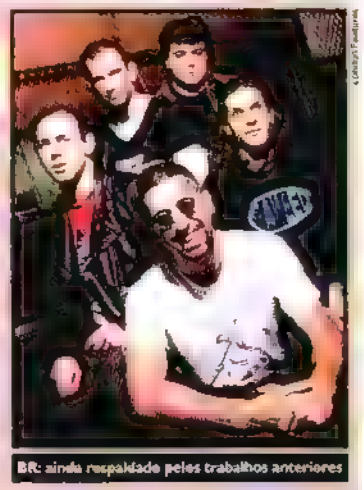
Paradoxx Epitaph

Recipe For Hate

BAD RELIGION

Epic

Stranger Than Fiction



BR: ainda respaldado pelos trabalhos anteriores

Sinceramente, não dá para não cair no velho chavão: depois que saiu do selo Epitaph e pulou no barco da toda-poderosa Epic (representada no Brasil pela Sony), o Bad Religion perdeu algumas gramas de seu peso original.

Essa afirmação pode ser facilmente confirmada com a audição dois discos mais recentes da banda, que chegam quase que simultaneamente ao mercado brasileiro. *Recipe For Hate* – último lançado pelo selo independente californiano – é um álbum poderosíssimo, onde o som consagrado pelo público, durante os quase dez anos da banda continua sincero e pulsante. Prova disso são as ótimas "Recipe For Hate" e "American Jesus", composições do vocalista Greg Graffin, que ao lídera a banda ao lado do alucinado guitarrista Mr. Brett – um filhote da escola da costa oeste americana.

Já *Stranger Than Fiction* se salva por muito pouco. A banda quase descamba para um pastiche de The Offspring na maioria absoluta das canções – a começar por "Incomplete", que abre o álbum. Graças a essa "estratégia de mercado", pode até ser que o Bad Religion vire uma das grandes bandas dos próximos anos. Ironicamente, suas glórias estarão escondidas no passado. *Hélio Gomes*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO!: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Ídolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05477-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9114 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - Cx. 4616

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Comunicação e Consultoria Ltda. - SDS Ed. Venâncio II - sala 202 - CEP 70300 - Brasília - DF - Tel.: (061) 321-0305 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antonio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas - SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60060-000 - Fortaleza - CE - Tel.: (085) 254-1666 - Fax: (085) 252-2131
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Representações - Av. Contorno, 8000 - sala 1.101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte - MG - Tel. e Fax: (031) 291-6470
Paraná: M. C. Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba - PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editorial S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre - RS - Tel.: (051) 223-9528 - Fax: (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel./Fax: (048) 232-0519

SURPRESAS NO MUNDO DO BLUES

STEVE HACKETT

Herald

Blues With A Feeling

MICHAEL HILL'S BLUES MOB

Alligator

Bloodlines

Hackett: do Genesis às raízes do blues

"Assistir a shows de blues é uma das maiores escolas que pode haver. Aprendi olhando gente como Eric Clapton, Jeff Beck e Roy Buchanan." É incrível, mas foi assim que Steve Hackett revelou à extinta seção *Meu Instrumento* (BIZZ 20) seu *background* musical. Agora, disposto a pôr o preto no branco (*epa!*), o ex-guitarrista do Genesis está lançando um álbum imantado pela mais pura e elétrica essência do gênero. Além dos *riffs* faiscantes que emprestou a velhos cavalos de batalha de Paul Butterfield ("Born In Chicago"), Freddie King ("The Stumble") e John Mayall's Bluesbreakers ("So Many Roads"), ele ainda canta e mostra surpreendente fluência tocando gaita — na verdade, sua primeira paixão.

Já aqueles que acham que o blues há muito tornou-se algo falido e estagnado, certamente ficarão de queixo caído ao ouvirem o disco de estréia da Michael Hill's Blues Mob. Mais que um guitarrista *flashy* (no jargão musical, todo instrumentista capaz de varrer escalas com rapidez absurda), o homônimo líder deste grupo de *blacks* do South Bronx nova-iorquino consegue injetar drama e intensidade a cada palhetada em sua guitarra Steer. Tão hábil no uso do *wah-wah* ("Righteous Love") e do *slide* ("Wrong Number") quanto na abordagem de tópicos sociais (vide o enfoque da violência racial em "Signifyin' Monkey"), não é à toa que Michael Hill vem sendo considerado por muitos como o elo perdido entre Howlin' Wolf, Jimi Hendrix e Vernon Reid.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

FINALMENTE LIBERADO PARA CONSUMO.

Planet Hemp

A BANDA MAIS POLÊMICA DO MOMENTO.
VOCÊ VAI FICAR VICIADO!

CHAOS
SUPER DEMO
Sony Music

PRA QUEM TEM SECURA POR ROCK.

JORGE CABELEIRA
E O DIA EM QUE SEREMOS TODOS INÚTEIS
É ROCK. É BAIÃO.

CD, K7 E LP

CHAOS

SUPER DEMO

Sony Music

MASSIVE ATTACK VS. MAD PROFESSOR

Wild Bunch/Warner

No Protection

Imagine o seguinte: um cara "mucho loco" invadiu o estúdio do Massive Attack e transformou horas e horas de gravação de *Protection* – o soberbo disco do grupo, lançado no final do ano passado – num monte de pedacinhos. Depois, mais calmo se tocou que tinha feito caca e, ainda meio zonzo de tanta ganja na cabeça, tentou dar uma "cara" para o produto.

O resultado disso é *No Protection*, que aumenta à enésima potência o efeito THC do Massive.

O álbum é muito estranho e ao mesmo tempo maravilhoso. Mad Professor, um dos maiores talentos surgidos no mundo do dub (um tipo de reggae que "recria" as músicas a base de efeitos de estúdio, eco e repetições), transformou as melodias do Massive Attack, ora etéreas, ora *cool*, num show de ruídos. As vozes de Tracy Thorn (do Everything But The Girl) e Nicolette, presentes em quase todo o disco, são apenas um adereço às mixagens de Mad Professor, que jogou os sons graves numa frequência tão baixa que parecem explodir a caixa de som. Entre as músicas de *Protection* ficou de fora apenas "Light My Fire", que já era uma subversão do Massive ao clássico dos Doors. O resto teve os seus nomes mudados – "Protection" virou "Radiaton Ruling The Nation"; "Karmacoma" agora é "Bumper Ball Dub" – mas a essência permanece a mesma.

Aos marinheiros de primeira viagem, que desconhecem nomes como Lee Perry e King Tubby, *No Protection* deve ser servido com cuidado, saboreando, faixa por faixa, as maluquices de Professor. Para os que já estão por dentro dos caminhos do dub, porém, o prazer é mais do que garantido. *Sérgio Martins*

TRILHAS SONORAS

VÁRIOS

Capitol

Tank Girl

VÁRIOS

Arista

Boys On The Side

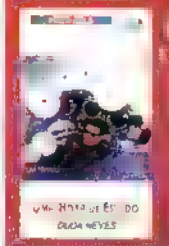
Essas duas trilhas têm uma coisa em comum: são de filmes protagonizados por mulheres. E aqui termina a semelhança.

A trilha de *Tank Girl* – produzida por Courtney Love – segue a linha da heroína punk do HQ futurista em que o filme se baseia: é agressiva e alta, com participações de L7 ("Shove"), Hole ("Drown Soda"), Ice-T (co-astro de Lori Petty no filme, é dele "Big Gun") e das bandas-queridinhas da vez Veruca Salt ("Aurora") e Portishead ("Roads"). Os destaques, no entanto, são o dueto de Joan Jett e Paul Westerberg (regravando "Let's Do It", de Cole Porter) e Björk ("Army of Me").

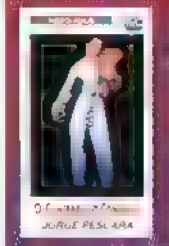
Enquanto isso, a trilha de *Boys On The Side* reproduz a atitude de clube da Luluzinha do filme, com um elenco musical exclusivamente feminino (exceto os rapazes dos Cranberries e dos Pretenders, por exemplo) num clima mais suave, se não um pouco melancólico e sombrio. O Portishead aparece aqui também (cantando "Glory Box"), seguido da Enganação do – ou você ainda não ouviu falar de Melissa Etheridge? –, de Annie Lennox (repetindo "Why", de 93) e Joneil Mosser (numa versão inspirada de "Crossroads", do Cream). Agora, precisava incluir três vezes "You Got It"? A música de Roy Orbison aparece aqui cantada duas vezes por Bonnie Raitt e uma terceira, na voz de Whoopi Goldberg (que canta de verdade no filme). *José Emílio Rondeau*

Vídeo Aulas
M.P.O. VÍDEO
LANÇAMENTOS

FAISKA
SUPER LICKS

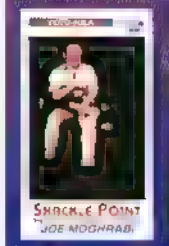


SLIDE GUITAR
OTÁVIO ROCHA



O CONTRABAIXO COMPLETO
JORGE PESCARA

PROGRAMAÇÃO DE SINTETIZADORES
FÁBIO RIBEIRO



SHACKLE POINT
JOE MOGHRABI

M.P.O. VÍDEO
FONE: (011) 263-1522
FAX: (011) 62-7608

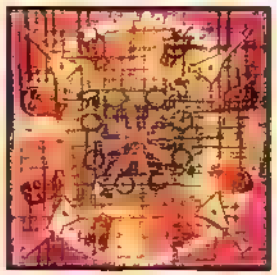
RÁPIDO & RASTEIRO

no disco ao vivo Debranchée à **Bercy 93** (Warner). Como o título deixa antever, o álbum foi gravado há dois anos e traz um rock entre o melancólico e o comercial "E advinha quem está de volta (e isso inclui uma breve passagem pelo Brasil)? O **AMERICA**! Seu álbum **Hourglass** (American Gramaphone) é uma prova da velha teoria de que nunca se deve confiar em bandas que têm nome de continente . O álbum **É Fácil Complicar** (Victoria Regia/

Com a eurodance em voga, tem muita gravadora pequena faturando alto nos últimos tempos. O mais fantástico é que tem gente que consegue errar. É o caso da compilação **Dance Musix** (UMC), que parece ter saído dos confins dos anos 80 direto para o Brasil. Não toca nem na casa noturna mais atrasada do Brasil . Já no caso de **She's Ann** (UMC), o disco é de 1990, mas a tal da **SHE'S ANN** imita mesmo é a Madonna de

Unicef) é um disco que impressiona pelo encarte e traz belas fotos em papel especial. O autor, **IRAMAR**, é cheio de boas intenções – como ajudar as crianças – mas a música, meu amigo... Muito melhor (e sem contar com o financiamento de ninguém) é **Talvez Não Seja Assim** (MCK), do baixista e "experimentador" **DÉCIO ROCHA**. Um trabalho que merece ser conhecido

1985 Responda depressa: o que é que mais rola na Colômbia? Não, não é aquilo que você está pensando. O que está em voga no país de Pablo Escobar você pode conferir na coletânea **Salsa** (UMC), que não é nenhuma obra-prima, mas pelo menos é divertida Se a coisa está tropical demais para o seu gosto, então tente ouvir **FRANCE GALL**



Outro que não faz feio é **FLÁVIO PANTOJA** (UMC). Seu disco mais parece um zoológico musical, de tanta fera reunida. Por falar em fera, quem deveria ter saído estraçalhando era o **CHACAL**. Mas, em **Lenda** (UMC), a coisa ficou meio no ganido Eolha ele aí: mister **IVAN LINS**, faz seu retorno com **Anjo De Mim** (Velas), um álbum bem arranjado, bem tocado, mas que tem Ivan Lins - fazer o quê?...

GRAVADORAS INDEPENDENTES ■ **Entre Parênteses** R. Heitor Penteado, 1707 sl.52. Fone/Fax (011) 62-8097/São Paulo (SP) ■ **Natasha** Fone/Fax (021) 242-5525/Rio de Janeiro (RJ) ■ **Paradoxx** R. Dr. Pinto Ferraz, 58. Fone/Fax (011) 575-0833/São Paulo (SP) ■ **Radical** Fone/Fax (021) 286-9463/Rio de Janeiro (RJ) ■ **Velas** R. Antonio Camardo, 81. Fone: (011) 942-9433/São Paulo (SP) ■ **Vitória Régia** 800, West Avenue, Ph. 17 Fax (011) 305-531-7874/Flórida (USA).

CAMISETAS ESPECIAIS

Stomp Rockwear

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

FONE: (011) 299-7478

PREÇOS
CURTA (TE): R$ 22,00
ONGA (LTE): R$ 26,00

ENVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/ STAMP - RUA HELIODORA, 321 CEP 02822-451 - SÃO PAULO - SP

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

A DESPESA POSTAL SERÁ PAGA PELO CLIENTE

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME
END
CEP CID EST

bolsa de discos

		ANTÔNIO C. MIGUEL O Globo, RJ	CARLOS MARCELO Correio Braziliense DF	CELSO FONSECA Istoé	DANIEL BENEVIDES MTV	JIMI JOE Rádio Felicia, RS	JOSÉ EM... O HONDEAD BIZZ	MAGGO FM Brasil 2000 SP	PEDRO SÓ O Dia, RJ	ROBERT HALFOUN BIZZ	[illegible] MARTINS BIZZ
8,22	P. J. HARVEY • To Bring You My Love (Island/PolyGram)	8	7	7	10	10	10	8	•	6	8
7,87	STEVIE WONDER • Conversation Peace (Motown/PolyGram)	9	8	6	7	8	•	•	6	10	9
7,80	MORAES MOREIRA • O Brasil Tem Concerto (PolyGram)	9	•	8	•	5	10	•	7	•	•
7,44	PATO FU • Gol De Quem? (Phig/BMG Ariola)	7	9	7	8	8	•	8	6	8	6
7,22	ELASTICA • Elastica (Deceptive/BMG Ariola)	6	8	5	8	8	7	9	•	7	7
6,55	SIOUXSIE AND THE BANSHEES • The Rapture (Polydor/PolyGram)	7	7	•	4	9	5	8	5	7	7
6,14	LULU SANTOS • Eu E Memê, Memê E Eu (BMG Ariola)	4	5	5	•	8	•	•	8	6	7
5,80	SLASH'S SNAKEPIT • It's Five O'Clock Somewhere (Geffen/BMG-Ariola)	6	5	8	4	6	7	7	4	6	5
5,10	FAITH NO MORE • King For A Day... Fool For A Lifetime (Slash/PolyGram)	5	6	4	5	6	2	8	7	8	0
2,62	SIMPLE MINDS • Good News From The Next World (Virgin/EMI Odeon)	2	3	•	4	0	3	7	2	•	0

parada

BRA clips 10/05 MTV

1 AEROSMITH • "Walk On Wat
2
3
4
5
6
7
8
9
10

EUA álbuns 13/05 Billboard

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10

GB álbuns 08/05 NMC

1 WET WET
2 BRUCE SPRINGSTEEN • Greatest Hits (Co
3
4
5
6
7
8
9
10

GB indie 08/05 NMC

1
2
3
4
5
6 ELAST
7
8
9
10

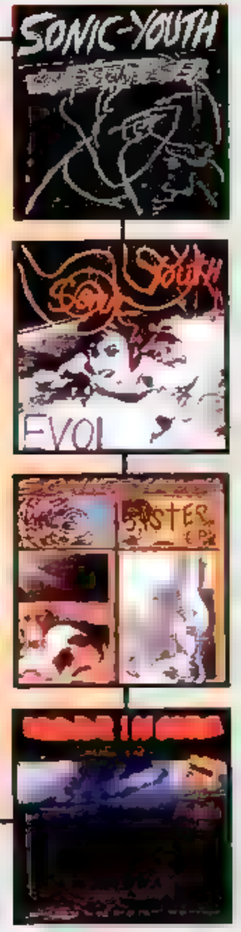
elastica
KREBENT

ELASTICA. A MAIOR SENSAÇÃO DO ROCK INGLÊS NOS ÚLTIMOS TEMPOS, NUMA SÍNTESE ORIGINAL DE VÁRIAS INFLUÊNCIAS – DE *BLONDIE* A *DURAN DURAN*, DE *LED ZEPPELIN* A *THE SMITHS*, DE *ADAM AND THE ANTS* A *THE CURE*... ELASTICA. MELODIAS E GUITARRAS EMOCIONADAS; ROCK PESADO COM UMA LEVADA DANÇANTE. ELASTICA. ALGO DE NOVO NO ROCK!

Clássicos

Juventude transviada

Os quatro primeiros álbuns e um disco inédito dos criadores do "noise guitar rock"



A banda de Nova York tem seus quatro primeiros álbuns reeditados pela gravadora DGC

SONIC YOUTH agora tem parte de sua história nos anos *underground* – frutos da passagem deles pelos selos Neutral, Zensor, Homestead e SST – recontada pela gravadora DGC, graças às reedições dos quatro primeiros álbuns, todos acrescidos com fotos inéditas, textos críticos e faixas-bônus.

Anunciando aquelas afinações incomuns de guitarras que se tornariam emblemáticas para o grupo, **Confusion Is Sex** (83) já trazia as cadências harmônicas repetitivas, o lirismo glacial e as cacofonias estudadas – o que não impediu os caras de mostrarem a veia *rocker* numa versão sebenta de "I Wanna Be Your Dog" (The Stooges). Um relançamento que ganha importância com a adição de quatro faixas do raro EP, *Kill Yr. Idols* (também de 83).

Espécie de acenos a certos marcos da cultura americana, **Bad Moon Rising** (85) flagra o SY às voltas com Charles Manson, com a atitude hippie de Haight-Ashbury e com as sombras do Creedence Clearwater Revival. O mesmo vale para o material recolhido do EP *Death Valley '69* (do mesmo ano), cujos destaques são a faixa-título e o "pop/anti-pop" que leva o nome de "Satan's Boring"

> Sonic Youth: afinações incomuns, lirismo glacial e cacofonias estudadas

Já **EVOL** (86) permitiu a exploração de arranjos e melodias quase convencionais, ao mesmo tempo em que manteve a dissonância devastadora e os timbres inauditos (vide "Starpower" e "Expressway To Yr. Skull"). Há a cover de "Bubblegum", de Kim Fowley

Gravado em equipamentos reciclados das sobras de aspiradores de pó (!), **Sister** (87) atesta a maturação do estilo do grupo, ao defenestrar o caos através do gume de guitarras Fender, modelos Mustang e Jaguar. Apêndice expressivo: a porretada que é "Master Dik", com ponta de Jim "Dinosaur Jr." Mascis.

O selo Rhino resgatou do limbo a música que o grupo havia composto para um obscuro *road movie*. **Made In USA** (95) é uma trilha cinematográfica fragmentada por natureza: traz 23 faixas inéditas, entre vinhetas que lembram os experimentos da banda alemã Can – em faixas como "Full Chrome Logic" e "Moon In The Bathroom" –, ao lado de temas instrumentais obnubilados ("Smoke Bl'sters 3&4") e meta-rocks de garagem ("Bachelors In Fur", "Tuck'N'Dar"). *Arthur G. Couto Duarte*

Loira fatal

A voz do Blondie é diva pop e um dos maiores símbolos sexuais dos anos 70

Antologia dupla passa a limpo a carreira de Debbie Harry & Cia.

Considerada a banda mais pop da cena pré-punk nova-iorquina, **BLONDIE** marcou época e antecipou tendências. Ex-coelhinha da *Playboy* e símbolo sexual de toda uma geração, Deborah Harry faz Madonna parecer um poste no quesito *sex appeal*.

Mas o grupo não era só a figura da deusa Debbie Harry. Agora, com o CD duplo importado **The Platinum Collection** (Chrysalis) pode-se comprovar por que e como o Blondie se consagrou como um dos melhores do pop nos anos 70. Produzida por Vincent Vero, a coletânea reúne hits e remixes que vão de 75 a 82, somando 47 faixas.

Impossível não se deliciar com "Heart Of Glass", "Call Me" (hit de Giorgio Moroder), "Rapture", "Sunday Girl", "Atomic" e "One Way Or Another". Além do óbvio, a coletânea traz versões remoçadas/dançantes de "Rapture" e "Atomic", a salsa-reggae "The Tide Is High" e a inédita "Once I Had A Love", versão original de 75 de "Heart Of Glass", em que o baterista Clem Burke prova que foi figura fundamental na banda. Uma coletânea para os fãs se esbaldarem e lembrarem que os anos 70 produziram a primeira diva pop e um símbolo sexual capaz de fazer as "loiras-afins" parecerem um pastiche barato de Debbie Harry. *Cláudia Grechi*

Um ótimo porre

Rock instrumental com alto teor etílico

Tudo neste CD é fora de moda. rock instrumental pré-*surf music*, que é dominado pelo sopro incendiário do *sax player*. No encarte do disco, imagens esquecidas de um tempo em que bandas como **THE REVELS** – meio *freaks*, meio *nerds* – estavam em todos os lugares.

Nostalgicamente datado e ingênuo, o som do grupo se apoiava em *private jokes*: assim, ficamos sabendo que o seu maior sucesso ("Church Key"), hits "que poderiam-ser-mas-não-foram" ("It's Party Time", "Six Pak") e o *revamp* de The Champs, "(Like) Tequila", se inspiraram na idiotice bem *Beavis & Butt-Head* de um dos guitarristas, em tragar uma lata de cerveja em três segundos, junto com a mania da banda de tomar pileques.

Como os anjos protegem os ingênuos e os pau-d'águas, a compilação americana **Intoxica! – The Best Of The Revels** (Sundazed) coincide com o lançamento por aqui da fita *Pulp Fiction - Tempo De Violência*, que tem na sua trilha sonora "Comanche", um dos números originais da banda, o que faz este CD ganhar um interesse extra nas sobras da badalação. É o som mais legal para se curtir literatura barata, *trash movies* e porres, sempre em doses cavalares. *René Ferri*

Clássicos

New wave, safra original

Marc Almond e David Ball do Soft Cell

O punk abriu na marra uma clareira no rock, devolvendo o gênero ao público e à garotada. A new wave aproveitou a deixa e virou o pop de cabeça para baixo, desrespeitando forma, tradição e regras de bom gosto musical ou de produção. Não é surpresa, portanto, que hoje boa parte do legado da new wave soe datado, ridículo, por vezes: na época, muita coisa foi feita no espírito da galhofa, da farra, e da experimentação e poucas são as farras e experiências que duram para sempre e são universais. Mas o que os dez volumes da compilação **New Wave Hits** (Rhino) mais reforçam é a marca que muitas dessas canções deixaram no pop, por suas características incomuns, ou mesmo pela genialidade de uma melodia ou de um arranjo. Nos mostram, também, o quanto o que se ouve nos discos de hoje se deve ao final dos anos 70 e à década de 80.

Na compilação reencontra-se um monte de curiosidades desde então extintas e/ou esquecidas – até que se ouve "Warm Leatherette", "Johnny Are You Queer" e "Putting On The Ritz" e se lembra de quantas vezes (ene) se ouviu essas canções do **The Normal**, de Josie Cotton e de **Taco**, nomes que hoje nada significam. Outras faixas, porém, são pilares essenciais à compreensão da variedade e da sacação da new wave (tudo do **Devo**, **The Beat**, **Human League**, **Modern English**, **Soft Cell**, **Madness**, **Dexy's Midnight Runners** e daí por diante). *José Emilio Rondeau*

O grupo Devo tem várias fases de sua carreira dissecadas na coletânea da Rhino

Morrissey, Marr & Cia.

Compactos da banda de Manchester em CD

Os **Smiths** talvez tenham sido o último casamento perfeito do rock e guitarra econômica (fazendo apologia do pop perfeito), os dedilhados a um só tempo delicados e arrebatadores de Johnny Marr, despossuidos de efeitos de pedaleira, engedrando melodias simples e envolventes, amalgamadas ao falsete inigualável de Morrissey – que vertia, em suas letras, uma poesia passional.

Exagero? **The Smiths — Singles**, lançado há pouco na Inglaterra, mostra que não. Um compêndio exato, precioso: reune os lados A dos 18 singles lançados pela banda em seus efêmeros quatro anos de existência. Ok, não há faixas inéditas, nem raridades. Mas há "What Difference Does It Make?", "Bigmouth Strikes Again", "Panic" (a famosa, onde Mozz conclamava os ouvintes a enforcarem os DJs.) ou "There Is A Light That Never Goes Out"? Isto sem contar a obra-prima suprema, "How Soon Is Now?", com suas etéreas camadas e camadas de guitarras e Morrissey recitando, com a sensibilidade à flor da pele.

Tudo acabou em 87. Desde então, a Inglaterra continua desesperadamente em busca dos novos Smiths. Mas como o gênio dura mais do que a beleza fugaz dos *hypes*, a obra hierática dos Smiths é eterna. E insuperável. *Humberto Finatti*

APARECA!

Fest VALDA

Aberto de música

Integração Colégio-Universidade

Disque Fest VALDA (0800)21.1200

São Paulo

Palace

28 e 30 de junho e 1º de julho

Rio de Janeiro - Outubro

Apoio

PROMOÇÃO

REVISTA BIZZ

Cursinho UniVersitário

SHOPPING Eldorado

FOLHA

CI CENTRAL DE INTERCÂMBIO

Clássicos

Três álbuns do quarteto The Monkees surgem no Brasil em um lote

A gravadora americana Rhino comprou os direitos dos discos do quarteto **THE MONKEES** e os relançou no capricho, inclusive com faixas-bônus. A Warner importou oficialmente três desses nove títulos para o mercado brasileiro. São eles **The Monkees** (66), **The Birds, The Bees & The Monkees** (68) e **Changes** (69), o primeiro, o quinto e o nono (e último) álbum do grupo formado por David Jones (voz), Michael Nesmith (guitarra/voz), Peter Tork (baixo/voz) e Mickey Dolenz (bateria).

A estréia deles tinha músicas que tocaram no seriado de TV Destaques: "Last Train To Clarksville", "Saturday's Child" e o memorável "(Theme From) The Monkees".

The Birds, The Bees & The Monkees traz a estouros como "Valleri" e "Daydream Believer". Logo depois desse disco, Peter Tork deixou o grupo. *Changes* reunia apenas David Jones e Mickey Dolenz. A crítica desceu a lenha no som *bubblegum* do álbum e o público ignorou o lançamento. As faixas mais lembradas: "Oh My My" e "I Love You Better", editadas em compactos. *Paulo Cavalcanti*

Os Monkees estavam certos

O grupo americano mostra três diferentes fases de sua carreira nos relançamentos da Rhino

O professor aloprado

Coletânea passa a limpo a carreira de um mestre do "dub"

Dos estúdios jamaicanos para a sensação dos clubes londrinos – criados para a moçada fumar *ganja* e "viajar" –, o dub teve diversos pioneiros. Gente que aumentava o efeito do THC no reggae à enésima potência às custas de efeitos de estúdio, ruídos malucos e distorções. Outros fizeram do dub uma ponte para outros sons como o *jungle*. Um deles foi **MAD PROFESSOR**, que tem sua carreira dissecada na coletânea **It's A Mad, Mad, Mad Professor** (Ariwa/RAS).

Neil Frazer ganhou este apelido de seus colegas graças às suas experiências feitas em estúdio.

Começou sua carreira no final dos anos 70. Mad Professor ainda tem em seu currículo trabalhos com Pato Banton – com quem fez dois discos de dub – e o veterano DJ U-Roy.

Ouça **It's A Mad...** e confirme que o apelido do cara é mais do que merecido. Há coisas louquíssimas como misturar reggae com *samples* de ópera – em "Beyond The Realms Of Dub" – ou se infiltrar no meio da Wild Bunch, a protocélula do Massive Attack – com "Rebel" –, além de mostrar ao mundo do reggae o talento do DJ Macka B ("Aztec Warrior"). *Sérgio Martins*

DANE-SE A MODA!
VAMOS CURTIR A MÚSICA!!!*

Live

AS GRANDES BANDAS SÓ VÊM AO BRASIL EM FINAL DE CARREIRA.
CERTO? ERRADO!
O HOLLYWOOD ROCK 94 FOI SÓ O COMEÇO.
THROWING COPPER
• 3 MILHÕES DE CÓPIAS VENDIDAS NO MUNDO
• Nº 1 NA PARADA BILLBOARD E EM TODAS AS PARADAS DE ROCK DO PLANETA

EM CD

* ANDY RICHARDSON, EM ARTIGO NO NEW MUSICAL EXPRESS, REFERINDO-SE AO SHOW DO GRUPO.

LIVE'S E-MAIL ON THE INTERNET: http://www.cerf.net/live.html

Nos confins do inferno...

Os "assassinos" em sua formação clássica: Dave Lombardo, Kerry King, Tom Araya e Jeff Hanemann

Quarteto de thrash metal aparece por aqui em disco que reúne dois álbuns

O **SLAYER** não é uma das bandas metaleiras mais importantes do rock à toa. Você já pensou o que seria do Sepultura e de outros grupos do estilo se não fossem esses caras da Califórnia? Até o lançamento de **Hell Awaits** (85), ninguém havia ousado tocar tão rapidamente e barulhento.

Assim que chegou às lojas, a receita que reúne agressividade, batidas extremamente rápidas, *riffs* elaborados na dose certa e uma revolução rítmica a cargo do baterista Dave Lombardo, levou os horizontes das guitarras distorcidas ao infinito. Nunca mais nenhuma banda que se dispusesse a fazer um som mais agressivo foi a mesma. O Slayer, em pouco tempo, tornou-se fonte obrigatória da maioria das bandas de metal. Ditou tendências e anos mais tarde levou o thrash metal ao auge.

Hoje, dez anos depois do seu lançamento, *Hell Awaits*, editado agora por aqui com o EP **Live Undead** (83), fruto de um show histórico com a melhor safra do metal californiano, embutido no mesmo CD, ainda é capaz de sacudir neurônios e é básico para quem pretende entender do que é feito no metal atualmente. ROBERT HALFOUN

LONDON CALLING RECORDS
CDS, DISCOS E VHS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
SEMANALMENTE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
RARIDADES DE: U2 • MADONNA • RAMONES • PET SHOP BOYS • DOORS • CURE • ZEPELLIN • DK
E TODOS OS ESTILOS
ENVIAMOS ENCOMENDAS PARA TODO O PAÍS, ACEITAMOS CARTÃO DE CRÉDITO
TEL-FAX: (011) 223 5584
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA
LOJA 15 – CEP 01041-000 – CENTRO SP

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC...
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

ANARCHY records
ROCK
(Industrial, alternativo, hard, pop, progres.)
• Jazz • Blues • Trilhas • New-Age • Techno
LANÇAMENTOS
(EUA • Grã-Bretanha)
• CD • CD-SINGLE • VÍDEO-LASER • VHS
ENCOMENDAS
Despachamos para todo Brasil
R. Pamplona, 1551 - loja 11 - Jardins
(011) 887-5926
São Paulo - SP

VÍDEOS
SHOWS E CLIPS
PARA: MÚSICOS, BANDAS, EMPRESÁRIOS, GRAVADORAS, DJs, E MODELOS
TODO MÚSICO É LANÇADO EM CD, LP E K-7. ATÉ AI TUDO BEM. MAS E EM VÍDEO? CHEGOU A HORA DE FAZER VOCÊ TAMBÉM SEUS VÍDEOS VHS E CD-ROM, COMO NA EUROPA, ESTADOS UNIDOS E JAPÃO. LANCE AGORA SEUS TRABALHOS EM HOME VÍDEO VHS.
SISTEMA ESPECIAL DE PRODUÇÕES A PREÇOS ACESSÍVEIS.
O ARTISTA NA TV, NO VÍDEO, NO TELÃO E NO COMPUTADOR.
MÚSICA + VÍDEO = SUCESSO
DISTRIBUIÇÃO: LOCADORAS, MAGAZINES, LOJAS DE DISCOS, CONSUMIDOR FINAL, EMPRESÁRIOS, CONTRATANTES DE SHOWS, IMPRENSA, ARTISTAS, PREFEITURAS, MALA-DIRETA, LOJAS DE INFORMÁTICA, ETC.
APROVEITE AS VANTAGENS DE NOSSO SISTEMA COMERCIAL:
✓ ALTA LUCRATIVIDADE
✓ TRANQUILIDADE TOTAL
✓ SUPER-QUALIDADE
✓ EXPERIÊNCIA DE 14 ANOS EM VÍDEO-PRODUÇÃO
✓ BONS PREÇOS
DESCUBRA COMO LUCRAR COM ESSA ATIVIDADE.
PEÇA CATÁLOGO DETALHADO PARA:
CENTRAL BRASILEIRA DE VÍDEO LTDA.
TELEFONE: (011) 950.0702 - DAS 10 ÀS 20 HORAS
FAX: (011) 681-7866 - 24 HORAS
PELO CORREIO: CAIXA POSTAL 3670
SÃO PAULO/SP - CEP 01060-970

DERRETA SEU CÉREBRO, OUÇA
BANGUELA RECORDS
Graforréia Xilarmônica
Maskavo Roots
A Pravda
Projeto Alface
Little Quail and the Mad Birds
Raimundos
Party Up
Mundo Livre S/A
- VEM AÍ -
PIRCOROCOCÓR - NO CLASS - CONCRETENESS - HAPPY COW - LUCRÉZIA BÓRGIA
SEGUNDA SEM LEY - DEZOITO BANDAS GAÚCHAS
LINGUACHULA, PSYCHO DROPS, PARTY UP...

Jukebox — The Left Banke

Michael Brown (último à direita), o tecladista que forjou o peculiar som do grupo com a ajuda de seu pai

Foi Harry Lookofsky, compositor e *band leader* (também conhecido como Hash Brown) encaminhou seu filho Michael para os estudos formais de música, estimulando-o a tocar e a compor ao piano. Michael, profundamente afetado pelo som dos grupos ingleses, mudou o sobrenome para "Brown" e agrupou-se a Steve Martin (voz), Tom Finn (baixo), Rick Brand (guitarra/banjo) e George Cameron (bateria), para gravar um single.

> Feliz alquimia de música barroca, pop e folk

Lookofsky (pai) sentiu o potencial do grupo e fez sua produção de forma caprichada e ousada: baixou a guitarra e a bateria ao mínimo, fez o baixo soar como um órgão de igreja e montou a base com frases de piano e cravo.

O compacto com "Walk Away, Renée" já estava pronto, quando eles escolheram o nome **THE LEFT BANKE**. O disco conseguiu chegar ao quinto lugar na parada da *Billboard* em novembro de 66. Em seguida, "Pretty Ballerina" foi um hit menor. Em março de 67, saía o álbum de estréia, *Walk Away Renée/Pretty Ballerina*, um marco desta banda nova-iorquina no rock anglo-americano, que fundia música barroca, pop e folk numa alquimia feliz.

Brown achou que podia se dispensar da obrigação de tocar ao vivo e abandonou o grupo meses depois. Em meados de 69, Finn, Martin e Cameron surgiram com *The Left Banke Too*, álbum que pouco ficava a dever ao primeiro. Mas que não vendeu tanto quanto o último single, "Mirah/Pedestal", editado em novembro do mesmo ano – e que foi o ponto final de uma das mais criativas bandas dos anos 60.

René Ferri

Discografia

■ **Walk Away, Renée/Pretty Ballerina**
(67, Smash)

■ **The Left Banke Too**
(69, Smash)

■ **And Suddenly, It's...**
(83, Bam Caruso) Compilação britânica dos dois álbuns americanos do grupo, mais faixas só editadas em compactos.

Nenhum dos dois álbuns originais da banda está disponível em CD. Apenas a coletânea *And Suddenly, It's...* foi editada em versão digital na Europa em 88, pelo selo Demon.

Vídeo

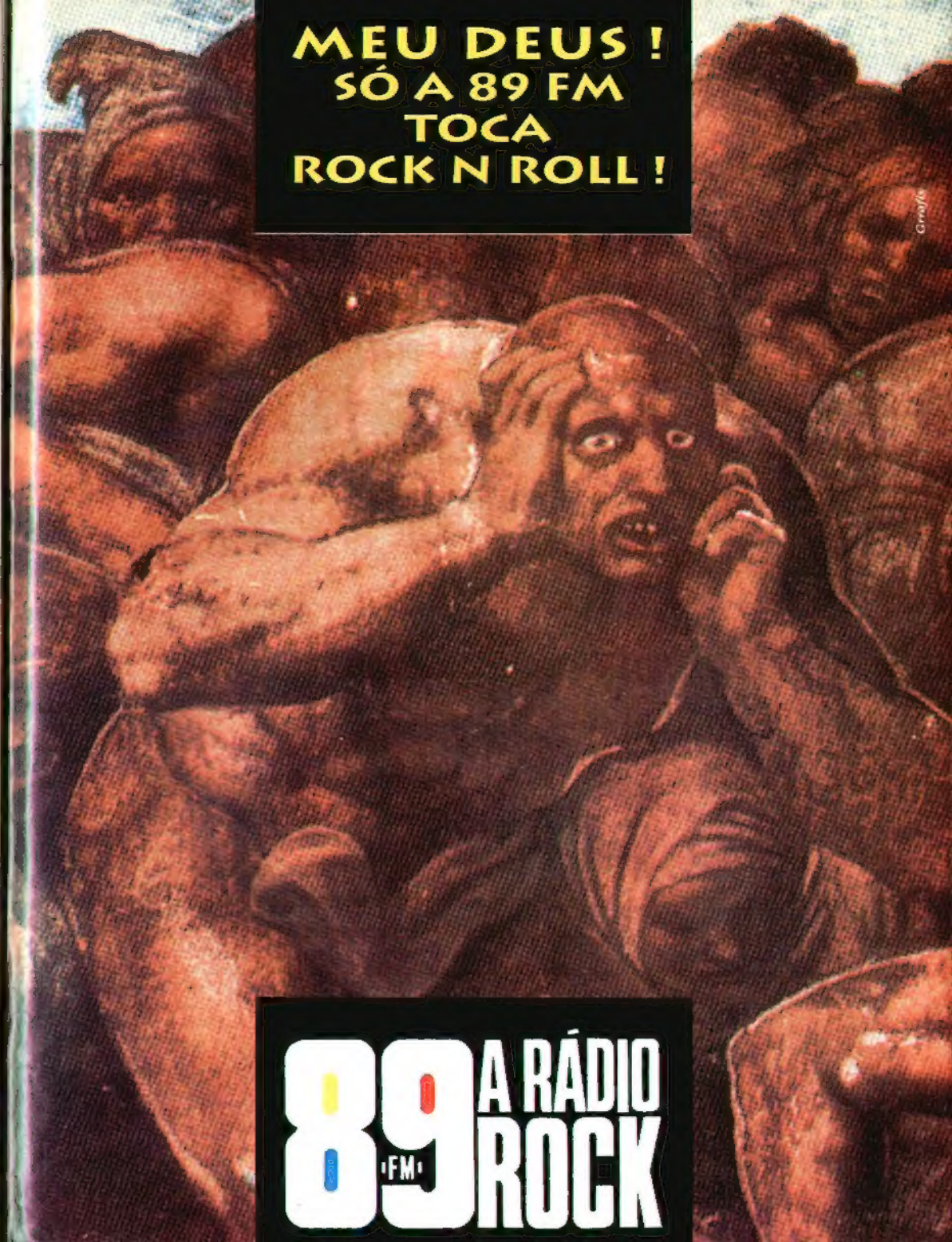
CARPENTERS
Interpretations
A 25th Anniversary Collection
Compilação: Bill DiCicco • 43 min.
PolyGram

Criticados ou cultuados, mas nunca ignorados. Assim são os **Carpenters**, verdadeira mania, principalmente depois do lançamento do disco que os homenageava. Para conter a gana da crescente legião de fãs, a Polygram lança esta fita de vídeo, com cenas inéditas e manjadas da dupla dinâmica Richard e Karen Carpenter.

Quando você ouve os Carpenters, apenas admira a voz privilegiada de Karen e os arranjos precisos do mano Richard. Agora, vê-los, é uma experiência hilariante. Karen parece uma figurante de *Carrie, A Estranha* e Richard é todo esplendor com seu visual de Príncipe Valente *nerd*. Eram os anos 70, meu irmão...

As maiores obviedades da fita são "Superstar" (repare como o Sonic Youth pegou a concepção desse vídeo para fazer o clip dessa mesma música), "Close To You" e "Please Mr. Postman", gravada na Disneylândia. Dentre as obscuridades, estão as interpretações da dupla para *standards* da canção americana como "When I Fall In Love" e "Little Girl Blue". Mas a verdadeira pérola é um clip da dupla cantando "Reason To Believe" do lendário *folksinger* Tim Hardin. Iniciados e neófitos vão curtir.

Paulo Cavalcanti



D.B.

Discoteca Básica

John Kay (*no centro*): militante da contracultura, defendendo a qualquer custo sua criação

STEPPENWOLF
Steppenwolf

PERFORMANCE

Lançamento 1968 ■ **Produção** Gabriel Melder ■ **Faixas** "Sookie Sookie" • "Everybody's Next One" • "Berry Rides Again" • "Hoochie Koochie Man" • "Born To Be Wild" • "Your Wall's Too High" • "Desperation" • "The Pusher" • "A Girl I Knew" • "Take What You Need" • "The Ostrich" ■ **Notas** O nome do grupo – inspirado no livro *O Lobo Da Estepe*, de Hermann Hesse – foi sugerido pelo empresário Gabriel, pois nenhum integrante da banda havia lido a obra • O álbum custou nove mil dólares e foi gravado praticamente ao vivo, tendo sido mixado em apenas quatro dias • "Born To Be Wild" chegou ao segundo posto da parada americana e – juntamente com "The Pusher" – foi incluída na trilha de *Sem Destino* (*Easy Rider*) • A gravadora Dunhill, a princípio não acreditava que "Born To Be Wild" fizesse sucesso e por pouco não deliberou que a canção "Sookie Sookie" fosse o carro-chefe do disco • Na época da gravação de *Steppenwolf*, o guitarrista Monarch tinha apenas 16 anos • Kay sempre foi parcialmente cego, daí os óculos escuros que usava com freqüência ■ **Formatos** Disponível em CD nos Estados Unidos, na Europa e no Japão. No Brasil, o disco saiu em vinil, mas está fora de catálogo.

Em sua autobiografia, John Kay diz: "estávamos encurralados numa sufocante imagem de uma banda de motoqueiros machões". O estrondoso sucesso da canção "Born To Be Wild", de certa forma, ofuscou a decisiva obra do quinteto Steppenwolf.

Mas nunca é tarde para redescobrir que, ladeando um tesouro musical – que se alinhou como um hino de escapismo de uma época que despontava a guerra do Vietnã, os assassinatos de John Kennedy e Martin Luther King, mais a ascensão de Richard Nixon –, residia um autêntico oceano de maestria.

Criado a partir das cinzas do Sparrow, grupo que de 65 a 67 vestiu o blues e o folk nas mais chapadas improvisações, o Steppenwolf era pilotado através da voz gutural de Kay (nascido em 44 na cidade de Tilsit, na ex-Alemanha Oriental, e exilado no Canadá a partir de 58). O grupo lançou 21 compactos, nove álbuns originais, um disco ao vivo e quatro compilações. De 67 a 72, eles gravaram álbuns prolíficos (como *Seven*), conceituais (*For Ladies Only*) e políticos (*Monster*). E de 74 a 76, registraram esquecidas pérolas (vide *Slow Flux*), mas nada tão contundente quanto o primeiro álbum – Kay depois diria que eles jamais conseguiram recuperar o *raw sound* daquele disco.

> *Eles profetizaram diretrizes para o heavy rock, enalteceram o blues e se lançaram numa cáustica psicodelia*

Pura verdade. A bateria de Jerry Edmonton, os teclados de Goldy McJohn, o baixo de Rushton Moreve e a guitarra de Michael Monarch, junto à garganta de ferro de Kay, profetizavam diretrizes para o heavy rock, enaltecendo e tranfigurando o blues e – como *decór* – se lançando numa psicodelia ocasional e cáustica. À parte a imortal "Born To Be Wild" (composição do ex-Sparrow Mars Bonfire, irmão de Jerry), haviam ainda recriações de clássicos ("Hoochie Koochie Man", de Willie Dixon), resgate de gênios obscuros ("The Pusher", controversa ode à maconha, de Hoyt Axton), baladas existenciais ("Desperation", que se transformou na mais brilhante *cover* do Humble Pie) e até pop psicodélico ("A Girl I Knew").

Também foi neste álbum que Kay se afirmou como um real militante da contracultura. O meio-ambiente ("The Ostrich"), a liberdade ("Berry Rides Again") e o inconformismo ("Take What You Need") eram as pautas deste obstinado justiceiro que, mesmo na pior fase da sua vida – de 80 a 84, quando diversos impostores e ex-integrantes regurgitavam para se apropriar do nome do grupo –, defendeu a qualquer custo a sua imaculada concepção: um animal chamado Steppenwolf. FERNANDO NAPORANO

O maior cobra da guitarra ataca com a sua banda.

NO ÁLBUM

IT'S FIVE O'CLOCK SOMEWHERE

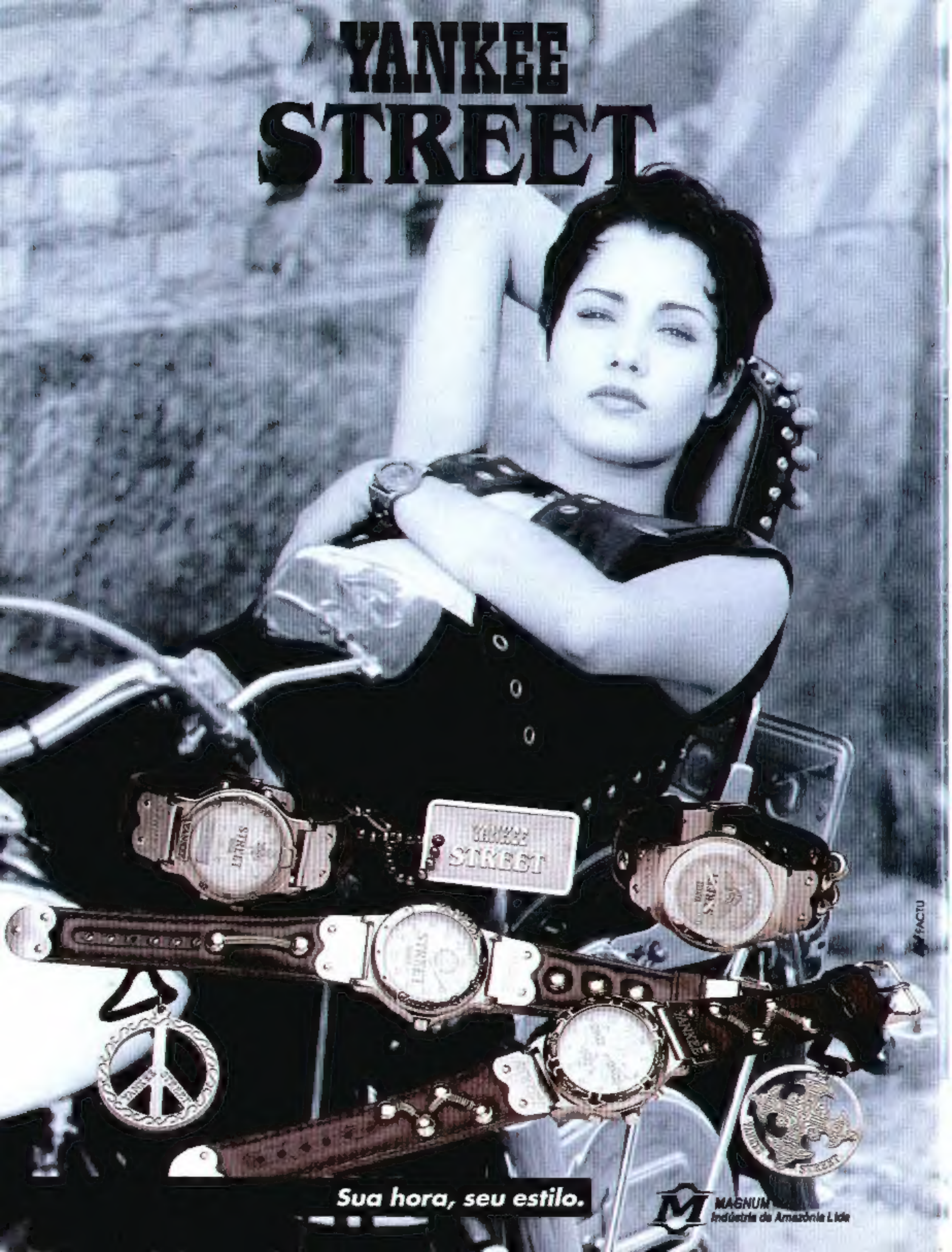
SLASH'S SNAKEPIT

Slash (Guns N' Roses) - Guitarra
Matt Sorum *(Guns N' Roses)* - Bateria
Eric Dover *(Ex Jellyfish)* - Voz
Mike Inez *(Alice In Chains)* - Baixo
Gilby Clarke *(Ex Guns N' Roses)* - Guitarra

Corra até a loja de discos mais próxima e dê a sua picada.

GEFFEN

YANKEE STREET



Sua hora, seu estilo.

MAGNUM
Indústria da Amazônia Ltda